

P. Tavares

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL
ENSINO LICEAL

ANUÁRIO
DO
LICEU DE AVEIRO
(1949-1950)
bibRIA

Relatório dirigido ao Ex.^{mo} Director Geral
do Ensino Liceal

POR

JOSÉ PEREIRA TAVARES

REITOR



1950

Gráfica Aveirense, L.da

Aveiro

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL
ENSINO LICEAL

ANUÁRIO
DO
LICEU DE AVEIRO

(1949-1950)

bibliotheca

Relatório dirigido ao Ex.^{mo} Director Geral
do Ensino Liceal

POR

JOSÉ PEREIRA TAVARES

REITOR



— 1950 —

Gráfica Aveirense, L.da

— Aveiro —

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL
EXAMINAR

ANUÁRIO

LICEU DE AVEIRO

bibRIA

1921-1922

1921

Impressão em Lisboa

1921

Relatório do Reitor do Liceu Nacional de Aveiro, referente ao ano lectivo de 1949-1950

Ex.^{mo} Senhor Director Geral do Ensino Lical:

Cumprindo o disposto nas alíneas hh) e ii) do Art. 18.^o do Estatuto do Ensino Lical (Dec. n.^o 36:508), tenho a honra de apresentar a V. Ex.^a o Anuário-relatório dos serviços do ano lectivo de 1949-1950 e, na parte administrativa, os mapas da receita e despesa da gerência de 1949.

A — O edificio e suas dependências. O novo Liceu

Proseguem com grande actividade as obras do novo edificio do Liceu, cuja inauguração está prevista para o início do ano lectivo de 1951-1952. Nessa altura, como já escrevemos no último Anuário, comemorar-se-á no velho edificio o primeiro centenário da criação do Liceu, cerimonia a que acorrerão, sem dúvida, muitas centenas de antigos alunos.

B — Pessoal do Liceu

PESSOAL DOCENTE

José Pereira Tavares, 1.^o grupo. *Reitor*. Diplomado com o Curso Superior de Letras. Data da primeira nomeação: 15 de Janeiro de 1916; posse, 16 de Fevereiro.

Pedro Maria da Rocha Cunha Serra, 1.^o grupo (efectivo). Director da biblioteca. Licenciado em filologia clássica. Exame de Estado. Primeira nomeação, 1946-1947 (agregado).

Alfredo Antunes dos Santos, 1.^o grupo (auxiliar). Licenciado em filologia clássica. Exame de Estado. Primeira nomeação, 1947-1948 (agregado).

Álvaro dos Santos Saralva de Carvalho, 1.º grupo (agregado). Licenciado em filologia clássica. Exame de Estado. Primeira nomeação, 1949-1950.

Manuel da Silva Gaspar Júnior, 2.º grupo (efectivo). *Director do 1.º ciclo*. Licenciado em filologia românica. Exame de Estado. Primeira nomeação, 1922-1923 (provisório).

D. Emília Albarraque Costa, 2.º grupo (agregada). Licenciada em filologia românica. Exame de Estado. Primeira nomeação, 1946-1947 (agregada).

D. Dorinda Fernandes Rainha Agualusa, 2.º grupo (agregada). Licenciada em filologia românica. Exame de Estado. Primeira nomeação, 1949-1950.

D. Maria Lulsa Vieira Martins, 3.º grupo (agregada). Licenciada em filologia germânica. Exame de Estado. Primeira nomeação, 1946-1947 (agregada).

D. Marla da Luz Silva Pereira, 3.º grupo (agregada). Licenciada em filologia germânica. Exame de Estado. Primeira nomeação, 1949-1950.

D. Madalena da Conceição Rosa, 4.º grupo (efectiva). *Delegada do director do 2.º ciclo*. Licenciada em Ciências histórico-filosóficas. Exame de Estado. Primeira nomeação, 1947-1948 (agregada).

Francisco de Assis Ferreira da Mala, 5.º grupo. *Secretário*. Licenciado em ciências histórico-geográficas. Exame de Estado. Licenciado em Direito. Primeira nomeação, 1926-1927.

Júlio Leal de Loureiro, 5.º grupo (efectivo). Licenciado em ciências histórico-geográficas. Exame de Estado. Primeira nomeação, 1939-1940 (agregado).

Amílcar Augusto Patrício, 5.º grupo (auxiliar). *Director da Cantina*. Licenciado em ciências geográficas. Exame de Estado. Primeira nomeação, 1943-1944 (agregado).

Orlando de Oliveira, 6.º grupo (efectivo). *Director do 3.º ciclo*. Licenciado em ciências histórica-naturais e em Farmácia. Exame de Estado. Primeira nomeação, Dezembro de 1932 (provisório).

Leandro Gomes de Mendonça, 7.º grupo [efectivo, do Liceu de Sá da Bandeira (Angola), em permuta por dois anos com o prof. do mesmo grupo Euclides Simões de Araújo, nos termos do dec.-lei n.º 36:838]. (1)

1) — Terminou a comissão de serviço em 25 de Abril de 1950.

Euclides Simões de Araújo, 7.º grupo (efectivo). Licenciado em ciências físico-químicas. Exame de Estado. Primeira nomeação, 25 de Novembro de 1931. (1)

D. Lubélia Pedro de Mesquita, professora eventual do 7.º grupo. Licenciada em Ciências Físico-Químicas.

Francisco Ferreira Neves, 8.º grupo (efectivo). Bacharel em ciências matemáticas. E. N. Sup. de Coimbra. Primeira nomeação, 1918-1919.

José Carneiro da Silva, 8.º grupo (efectivo). *Director do 2.º ciclo*. Licenciado em ciências matemáticas. Exame de Estado. Primeira nomeação, 1937-1938 (agregado).

D. Amélia Cecília Cunha da Rosa, 8.º grupo (auxiliar). Licenciada em ciências matemáticas. Exame de Estado. Primeira nomeação, 1947-1948 (agregada).

António Fernandes Marques da Rocha, 9.º grupo (efectivo). *Vice-reitor*. Curso de Desenho para o magistério liceal. Exame de Estado. Primeira nomeação, 1936-1937.

D. Maria Aurélia de Andrade de Almeida, 9.º grupo (efectiva). *Delegada do director do 1.º ciclo*. Primeira nomeação, 1940-1941 (agregada).

P.º António Gonçalves Estêvão, (Canto coral). Curso Teológico do Seminário de Coimbra. Concurso por provas públicas. Primeira nomeação, 1919-1920.

D. Olíde Ribeiro Nunes (Canto coral) (contratada). Primeira nomeação, 1944-1945.

Pedro Augusto Marques Rodrigues Ferreira, (educação física) (efectivo). Curso de medicina. Curso de Educação Física. Primeira nomeação, 1935-1936 (agregado eventual).

D. Maria da Encarnação Carvalho Alcântara, (educação física (contratada). Primeira nomeação, 1926-1927 (provisória).

P.º João Pedro de Abreu Freire (religião e moral). Curso Teológico do Seminário de Lisboa. Curso da Faculdade de Teologia e de Direito Canónico da Universidade Gregoriana (Roma). Primeira nomeação, 1949-1950.

P.º Agostinho Tavares Rebimbas (religião e moral). Curso Teológico do Seminário de Lisboa. Curso da Faculdade de Teologia da Universidade Gregoriana de Roma. Curso de Sagrada Escritura do Instituto Bíblico (Roma). Primeira nomeação, 1949-1950.

1) — Terminou a comissão de serviço no Liceu de Sá da Bandeira (Angola) em 16 de Maio de 1950.

D. Maria de Barros Furtado (lávores) (contratada).
Primeira nomeação, 1948-1949.

PESSOAL DOCENTE EM COMISSÃO

Manuel Francisco Catarino, 1.º grupo — Liceu de D. João III.

D. Aurora Fernandes David, 3.º grupo (Secção) —
Comissariado da M. P. Feminina.

Alberto Martins de Carvalho, 4.º grupo — Liceu de D. João III.

Álvaro da Silva Sampaio, 6.º grupo — Presidência da
Câmara Municipal de Aveiro.

José Augusto Teixeira, 7.º grupo — Laboratório do
Funchal. (1)

MÉDICO ESCOLAR

Adérito Jaime Mendes Madeira. Primeira nomeação,
Agosto de 1919.

VISITADORA ESCOLAR

D. Maria da Graça Roque Abrantes Prata. — Entrou
em exercício, neste Liceu, no dia 3 de Junho de 1949.

PESSOAL DA SECRETARIA

Manuel da Silva Salgueiro, 2.º oficial. Nomeado, pre-
cedendo concurso, por despacho de 9 de Maio de 1950
D. do Gov., 2.ª s., n.º 136, de 14 de Junho. Posse — 17 de
Junho de 1950.

Henrique Maria Félix, aspirante. Exame do 6.º ano
dos liceus. Primeira nomeação, Novembro de 1947.

Carlos Miguéis Ferreira de Matos, escriturário de
2.ª classe, contratado. Exame do 7.º ano de Ciências. Posse
— 21 de Abril de 1949. (2)

1) — Em 19 de Abril de 1950 (*D. do Gov.* n.º 90), foi nomeado
professor efectivo do 3.º grupo o prof. *José Gomes de Azevedo Matos*,
em serviço no Liceu de Guimarães.

2) — Nomeado para o quadro, precedendo concurso por provas
públicas (*D. do Gov.* n.º 117, de 22 de Maio de 1950).

PESSOAL MENOR

Antônio Ferreira Patacão, contínuo de 1.^a classe. Chefe do pessoal menor. Primeira nomeação, 20 de Abril de 1909; posse: 28 de Abril. Sabe ler e escrever. (1)

João Baptista Moreira, contínuo de 1.^a classe. Primeira nomeação: 24 de Abril de 1918; posse: 1 de Maio. — Tem exame de instrução primária.

Amadeu Ferreira Estimado, contínuo de 1.^a classe. Primeira nomeação: 22 de Janeiro de 1921; posse: 11 de Fevereiro. Tem a 5.^a classe dos Liceus. (2)

Antônio de Oliveira, contínuo de 1.^a classe. Primeira nomeação: 14 de Agosto de 1919; posse: 23 de Agosto. Sabe ler e escrever. (3)

João de Moraes Gamelas, contínuo de 1.^a classe. Primeira nomeação: 24 de Abril de 1918; posse: 1 de Maio. Tem exame de instrução primária.

Francisco de Moraes Gamelas, contínuo de 1.^a classe. Primeira nomeação: 12 de Agosto de 1919; posse: 1 de Setembro. Tem exame de instrução primária.

Domingos Ferreira, contínuo de 2.^a classe. Primeira nomeação: 24 de Outubro de 1932; posse: 25 de Outubro. Tem exame de instrução primária. *Auxiliar da secretaria.*

Maria de Lurdes Sucena Ferreira, servente. Primeira nomeação: 5 de Maio de 1944; posse: 4 de Maio. Tem exame de instrução primária.

João Maria Pereira Júnior, servente. Primeira nomeação; 2 de Julho de 1937; posse: 2 de Agosto. Tem exame de instrução primária.

Maria Cândida Ferreira Estimado, servente. Tem exame de instrução primária. Primeira nomeação, Janeiro de 1943.

João dos Santos Peixinho, servente. Tem exame de instrução primária. Primeira nomeação, 26 de Julho de 1950 (*D. do Gov. n.º 182, de 7 de Agosto de 1950*). Posse: 8 de Agosto.

1) — Exerceu até o dia 15 de Novembro de 1949, em que atingiu o limite de idade.

2) — Passou a exercer o cargo de chefe do pessoal menor a partir do dia 15 de Novembro de 1949.

3) — Passou à inactividade a partir do dia 20 de Maio de 1950. Reformado (*D. do Gov. n.º 142 de 21 de Junho de 1950*).

C — Os ciclos

1 — *Instalação de cada ciclo.* — As quinze turmas autorizadas foram assim distribuídas: *No edifício principal*, as turmas masculinas e mistas de: 2.º ano (B e C, masculinas); 3.º ano (B, mista; C, masculina); 4.º (masc.); 5.º (masc.); 6.º e 7.º (mista). — *No edifício anexo*, as turmas, femininas, do 1.º A, 2.º A, 3.º A, 4.º A e 5.º A; a turma B do 1.º ano, mista; e a turma masculina do 1.º C, esta última completamente separada das restantes. — Deste modo, contrariamente ao que se deu nos anos anteriores, ficaram livres as salas da biblioteca e do gabinete de Ciências Naturais.

2 — *Os alunos.* — O número de alunos matriculados directamente no Liceu foi o constante do mapa seguinte, que nos revela decréscimo de frequência relativamente à do ano transacto:

		M.	F.	Total	
1.º ciclo	1.º ano	— 35	40	75	
	2.º ano	— 58	33	91	166
2.º ciclo	3.º ano	— 53	44	97	
	4.º ano	— 31	35	66	
	5.º ano	— 26	32	58	221
3.º ciclo	6.º ano	— 28	11	39	
	7.º ano	— 22	10	32	71
		253	205	458	

Seguem-se as listas nominais de todos os alunos, por anos e turmas, nas quais se indicam os alunos reprovados, os transferidos, os que anularam matrícula, os que perderam o ano por faltas e, em anos de exame, a valorização obtida pelos aprovados:

1.º ano — Turma A

- 1 Adalcina Maia Casimiro da Silva
- 2 Ana Paula Martins Ramalheira
- 3 Cármen de Jesus Tadeu Ferreira, s. m. Fr.
- 4 Cármen Martins Pereira, reprovada

- 5 Lurdes da Silva Almeida, reprovada
- 6 Maria Camila Bastos da Costa, reprovada
- 7 Maria Eduarda Estudante da Silva
- 8 Maria Emília de Oliveira Sousa e Prata
- 9 Maria Ermelinda Casqueira Pires, perdeu por falta de pagamento
- 10 Maria Graciete Peixinho Almeida
- 11 Maria Helena da Conceição Neto Gamelas
- 12 Maria Manuela Gomes do Vale Guimarães, s. m. *Mat.*
- 13 Maria Manuela de Pinho Martins Cabrita, s. m. *Port.*
- 14 Maria Manuela Tavares Barreto
- 15 Maria Margarida Guimarães Marcela, s. m. *Ciências*
- 16 Maria da Natividade da Silva Abranches
- 17 Maria Odete Ramos Moraes
- 18 Maria Rosa Trindade Rafeiro, reprovada
- 19 Maria Teresa da Costa Simões Dias
- 20 Maria Teresa Marques Borralho
- 21 Nicole Elisabeth Louise Mommens (Chefe)
- 22 Olívia dos Anjos Vilar Tavares
- 23 Rosa da Silva Lopes, s. m. *Ciências*
- 24 Zenaida da Conceição Mortágua Velho

1.º ano — Turma B

- 1 António Manuel Neto Brandão, s. m. *Mat.*
- 2 Benilde Martins Grilo
- 3 Christiano Honow Schmidt
- 4 Fausto Tavares Miguéis Picado
- 5 Fernanda Maria Gonçalves da Costa e Melo
- 6 João António Pratas Pereira Góis
- 7 Jorge Vasco de Melo Fialho
- 8 José Carlos Gamelas de Almeida
- 9 José Mendonça Lemos, reprovado
- 10 Lola Maria Coentrão de Mendonça
- 11 Manuel Martins Ribeiro de Lima
- 12 Maria Adelaide Praça Mónica
- 13 Maria Aldina dos Santos Frias
- 14 Maria Alice Moreira Gonçalves
- 15 Maria Amélia da Cunha Barreto
- 16 Maria da Conceição Almeida
- 17 Maria Elisa Vidal da Silva, s. m. *Port.*
- 18 Maria Lídia Esteves Antunes, s. m. *Mat.*
- 19 Maria Margarida Calisto Vicente
- 20 Maria Odila da Silva Bastos
- 21 Maria de Oliveira Rocha
- 22 Rosa Manuela dos Anjos Grilo
- 23 Zita da Piedade Leal Costa
- 24 Maria Castela Duarte
- 25 Maria José Castela Duarte (Chefe)

1.º ano — Turma C

- 1 Alfredo Carreiro Melo de Carvalho, transf. para o Porto
- 2 Álvaro Neto Lopes Borges
- 3 António Gabriel Albuquerque Gonçalves

- 4 António Maria de Oliveira Matos
- 5 António Rodrigues da Graça
- 6 Armindo Dorçay de Castro Torres (Chefe)
- 7 Artur Fernando Mendes Seabra de Oliveira
- 8 Benamor de Fátima Marques da Costa Morgado, reprovado
- 9 Bento Manuel da Graça Araújo
- 10 Carlos Manuel Rodrigues Anastácio, s. m. *Mat.*
- 11 Carlos Monteiro Correia
- 12 Custódio Rodrigues Guimarães
- 13 Eduardo Alberto Vilhegas Ferraz de Abreu
- 14 Ernesto das Neves dos Santos Parracho
- 15 Francisco Albano Rodrigues Guimarães, s. m. *Mat.*
- 16 Graciano Neves de Oliveira, transferido para o L. Camões
- 17 João Carlos Albuquerque Pinto
- 18 João Guilherme da Silva Ferreira, s. m. *Ciências*
- 19 Joaquim Mendes Macedo de Loureiro
- 20 Joaquim Pereira Fernandes
- 21 José Alberto Aleluia da Costa
- 22 José Gil Marques Carvalho da Silva
- 23 José Marques Pereira
- 24 José Paulino Conde Teixeira, reprovado
- 25 José Vidal Ferreira Ca'ão
- 26 Pedro Eduardo do Vale Guimarães de Oliveira, s. m. *Francês*
- 27 José Alberto Marques

2.º ano — Turma A

- 1 Áurea Moreira de Almeida, reprovada
- 2 Áurea Odete Almeida Garcia, 10 valores
- 3 Cíndina Pires Pepino, perdeu por falta de pagamento
- 4 Eduarda Manuela Marques Bela, 12 val.
- 5 Eneida de Jesus Pereira Campos, 11 val.
- 6 Ermezinda Nunes Ferreira, excluída
- 7 Ilda Ladeira de Bastos, 12 val.
- 8 Irene do Céu Jesus Tavares, 11 val.
- 9 Lucília Damas Teles de Meneses, 10 val.
- 10 Maria Adélia Nunes de Andrade, reprovada
- 11 Maria do Amparo da Costa Carvalho, 13 val.
- 12 Maria Dedília de Oliveira Miranda, reprovada
- 13 Maria Dolores Ribeiro da Silva, 11 val.
- 14 Maria Eduarda Pereira Corado, transf. para Evora
- 15 Maria Emília Marques Ferreira, 12 val.
- 16 Maria Eneida Teixeira do Amaral Brites, 12 val.
- 17 Maria Eugénia da Silva Freire, reprovada
- 18 Maria Fernanda Coelho Marques de Almeida, 11 val.
- 19 Maria Guilhermina Pinto dos Santos Monteiro, 15 val.
- 20 Maria Helena Correia de Amorim, 15 val.
- 21 Maria Isabel Strecht Amorim Damas, excluída
- 22 Maria Judite Barreto e Rosete, 12 val.
- 23 Maria Luísa de Melo Marques da Graça, 12 val.
- 24 Maria Luísa Vieira Chuva, 14 val.
- 26 Maria Noémia Mourão do Amaral Coutinho, (Chefe), 16 val. (distinta)
- 27 Maria da Piedade Dinis Assena, 12 val.
- 28 Maria do Rosário da Silva Ré, reprovada
- 29 Maria Salomé Pereira Taborça, 11 val.

- 30 Marília Helena Pratas Góis, *11 val.*
- 31 Valquíria Fédora Lopes Caleiro, *15 val.*
- 32 Zulmira Eneida de Sousa Silva e Cristo, *11 val.*
- 33 Maria Oflia Nunes Filipe, reprovada

2.º ano — Turma B

- 2 António Artur Valente de Abreu Freire, *12 valores*
- 3 António Freire Simões Ribeiro, transf. para o ens. particular
- 4 António Rodrigues Ferreira, *12 val.*
- 5 António Soares Tomé, *13 val.*
- 6 Basílio da Rocha Martins Júnior, *12 val.*
- 8 Carlos Manuel Natividade Dias da Costa (Chefe), *15 val.*
- 9 Egdio Álvaro de Figueiredo de Matos Gomes, transf. para Leiria
- 10 Élio da Rocha Terrível, *11 val.*
- 11 Elmano Rodrigo da Graça e Vasconcelos Martins, *15 val.*
- 12 Ernesto Emídio Candeias Vieira Valentim, excluído
- 13 Fernando Graça Gonçalves, *10 val.*
- 14 Fernando da Silva Areias Neto, *11 val.*
- 15 Henrique de Resende Ramos, reprovado
- 16 João Alves Filipe, reprovado
- 17 João Duarte Silva Pereira Peixinho, reprovado
- 18 João Maria da Costa Vieira Gamelas, *11 val.*
- 19 João Martins de Oliveira, reprovado
- 20 José Caetano Martins Pereira, reprovado
- 21 José Cross, *10 val.*
- 22 José Manuel da Cruz Domingues, *11 val.*
- 23 José Manuel Redondo Malaquias, *11 val.*
- 24 Mário Tavares, transf. para o ens. particular
- 25 Rui Manuel de Melo Maia, *11 val.*
- 26 Reinaldo José Gomes Topete, *12 val.*
- 27 Silvério Freire de Matos, *12 val.*
- 28 Vasco Nunes Gênio, *13 val.*
- 29 Vítor Silva, *11 val.*
- 30 António dos Santos Vidal, *12 val.*

2.º ano — Turma C

- 1 Amadeu Marques Pauseiro, reprovado
- 2 Amílcar Marcelino Gouveia, *11 valores*
- 3 António Júlio da Silva Farela, *13 val.*
- 4 António Manuel Brizado dos Santos Redondo, *12 val.*
- 5 Camilo Alves de Mraís, *10 val.*
- 6 Camilo Augusto Rebocho Albuquerque Cristo, *11 val.*
- 7 Carlos Júlio do Padre Fitorra, *10 val.*
- 8 Domingos José Barreto Cerqueira, reprovado
- 9 Élio Marques da Maia Gafanhão (Chefe), *12 val.*
- 10 Fernando da Costa Simões Dias, *13 val.*
- 11 Fernando Paulo Rodrigues Carrancho, *14 val.*
- 12 Hélder Gonçalves Mouro, reprovado
- 13 Jacinto Manuel Ferreira Monteiro Rebocho, *12 val.*
- 14 Joaquim Humberto Tavares de Oliveira, perdeu o ano por faltas
- 15 Joaquim Ruela Pires Claro, *11 val.*
- 16 José António Bóia Paradela, perdeu o ano por faltas

- 17 José Evaristo Saldanha Mascarenhas, reprovado
- 18 José Fernando da Silva Caldeira Bettencourt, 13 val.
- 19 José Henrique Gomes Vilão, 13 val.
- 20 José Manuel Bastos Cachim, 13 val.
- 21 Luís Severo Marques Gonçalves, 12 val.
- 22 Manuel Carlos do Vale Guimarães de Oliveira, 11 val.
- 23 Manuel José Tavares Lopes, 12 val.
- 24 Manuel Nunes Bento, 13 val.
- 25 Manuel Ribau Teixeira, 15 val.
- 26 Mário António Ramos Lourenço, 11 val.
- 27 Mário Sérgio Sacadura Rebola, 12 val.
- 28 Vitorino Emanuel Pereira Senos, reprovado

3.º ano — Turma A

- 1 Alcina Paula Fernandes do Bem, s. m. *Port.*
- 2 Carmélia de Oliveira Rocha (Chefe)
- 3 Delmira Natália Lhano Iglésias Ferreira, transf. p.ª o ens. particular
- 4 Dulce Dias Neves
- 5 Emília Tomás Ferreira
- 6 Ermelinda Guimarães Marcela, reprovada
- 7 Esmeralda Natércia Vieira Duarte
- 8 Esmeralda Valente Rodrigues
- 9 Ilda da Conceição dos Santos Neves
- 10 Isilda Maria Gonçalves Fernandes Mano, s. m. *Fr.*
- 11 Jahel Odette Gama Cohen, transf. para Lisboa
- 12 Lucinda Gomes da Cruz
- 13 Margarida Fernandes de Carvalho
- 14 Maria Adelaide Paulino Loureiro da Cruz
- 15 Maria Amália de Campos Simão, s. m. *Fr.*
- 16 Maria Amélia da Silva Alves Firmino, s. m. *Mat.*
- 17 Maria Arminda Abrantes Saraiva
- 18 Maria Bernardette Gomes Paiva
- 19 Maria Eduarda de Oliveira Ramos
- 20 Maria Ermelinda Ribeiro de Campos, s. m. *Mat.*
- 21 Maria Fernanda Rebelo Filipe, reprovada
- 22 Maria Filomena do Vale Guimarães de Oliveira
- 23 Maria Craciete Crespo Dias
- 24 Maria Irene Rodrigues Sousa
- 25 Maria José Pereira de Pinho Manica, s. m. *Fr.*
- 26 Maria José Teles Ferreira
- 27 Maria de Lurdes de Azevedo Soares
- 28 Maria de Lurdes Simões Neto
- 29 Maria da Luz Vaz Portugal, s. m. *Fr.*
- 30 Maria Susete Ferreira Ribeiro
- 31 Regina Almeida de Oliveira e Silva
- 32 Rosalina Rodrigues da Silva, s. m. *Mat.*

3.º ano — Turma B

- 1 Alcina Gomes Vieira
- 2 António Celestino Lima dos Santos
- 3 António Estêvão Tavares de Oliveira
- 4 Azuil Dias de Carvalho, s. m. *Fr.*

- 5 Carlos Alberto Souto de Almeida Portugal
- 6 Fernando Gabriel Pereira Teixeira de Faria
- 7 Fernando José Vieira Lau, s. m. *Fr.*
- 8 Fernando dos Santos Nogueira
- 9 Francisco Manuel Castro e Pinho, s. m. *Mat.*
- 10 Irene Ferreira Nunes Ribau
- 11 Jaime Ferreira Monteiro, s. m. *Mat.*
- 12 João Eduardo Cura Gomes Soares
- 13 João Libório Marques da Graça (Chefe)
- 14 José Nuno Pires Dias Urbano
- 15 Jorge Manuel de Magalhães Garrido
- 16 Jorge Manuel Simões Picado, s. m. *Port.*
- 17 Lúcio António Guimarães Estrela Santos
- 18 Manuel Barreto de Almeida Leite, s. m. *Mat.*
- 19 Manuel Maia da Loura e Silva, s. m. *Mat.*
- 20 Maria da Conceição Maia Vieira Barbosa
- 21 Maria Elcina Sousa Ribeiro da Cruz
- 22 Maria José Lopes Lucas
- 23 Maria de Jesus Pereira Campos
- 24 Maria Lucília Tavares da Fonseca
- 25 Maria Maria Pires Dias Urbano
- 26 Maria Rosa Dias Martins, s. m. *Fr.*
- 27 Maria do Rosário Henriques Gamelas
- 28 Rosa Gamelas de Almeida Martins
- 29 Rui Jorge Ferreira Neves
- 30 Reinaldo Manuel Albuquerque Patrício
- 31 Vitor Sampaio Faustino
- 32 Maria Augusta da Silva Amaral, s. m. *Mat.*

3.º ano — Turma C

- 1 Alberto Manuel Freire Agualusa
- 2 André Luis de Pinho Ala dos Reis
- 3 António Alberto Rodrigues Tavares de Sousa
- 4 António Borrhalho Rangel, s. m. *Port.*
- 5 António Carlos Gil da Rocha, s. m. *Mat.*
- 6 António Joaquim Sequeira de Almeida e Silva, perdeu o ano
- 7 António José Vagos da Silva Justiça, perdeu por falta de pagamento
- 8 António dos Santos Frias
- 9 António dos Santos Maltês
- 10 Artur Dias de Lemos, s. m. *Geog.*
- 11 Carlos Alberto Branco de Seíça Neves
- 12 Carlos Alberto Santiago dos Reis, reprovado
- 13 Carlos Alberto Teixeira Simões
- 14 Constantino António Marques, s. m. *Geog.*
- 15 Diamantino Manuel dos Reis Dias
- 16 Fernando Igreja Ferreira Gouveia
- 17 Fernando Luís Ruela Pires Claro
- 18 João Antunes Machado Marques
- 19 Joaquim Ferreira Gafanha
- 20 Jorge Manuel Pereira Tadeu Ferreira
- 22 José Mendes Macedo Loureiro
- 23 Levi Pereira dos Santos, reprovado
- 24 Manuel Álvaro de Almeida d'Eça Soares, s. m. *Mat.*
- 25 Manuel Augusto Costa

- 26 Manuel Cardote Freire Quaresma
- 27 Manuel Gomes Neves
- 28 Mário Martins da Silva
- 29 Raúl Duarte Mira
- 30 Rui Manuel Alves da Cruz e Sousa
- 31 Rui Alberto Neto Varela Rodrigues (Chefe)
- 32 Rui Alexandre Branco de Melo Albuquerque, s. m. *Mat.*
- 33 Carlos Octaviano Gorgulho Santos, s. m. *Inglês*
- 34 Filipe Edgar Babo dos Santos, reprovado

4.º ano — Turma A

- 1 Aida Bola Ribau
- 2 Amália Maria Santos Gil
- 3 Amélia Pires Nabais
- 4 Deolinda Branca da Cruz, s. m. *Port.*
- 5 Erundina da Fonseca Nunes, transf. para Coimbra
- 6 Ilda de Almeida Figueiredo (Chefe), s. m. *Mat.*
- 7 Maria Adelaide da Silveira Abrantes
- 8 Maria Aida Carmo Henriques, s. m. *Geog.*
- 9 Maria Alice de Carvalho Urbano, s. m. *Mat.*
- 10 Maria dos Anjos Rodrigues da Silva, s. m. *Fr.*
- 11 Maria Armanda Pires dos Santos Catré, s. m. *Mat.*
- 12 Maria Benedita Cravato
- 13 Maria Cândida Moreira da Maia, s. m. *Port.*
- 14 Maria Dias Neves
- 15 Maria de Fátima de Jesus Pereira, s. m. *Mat.*
- 16 Maria Fernanda da Costa Cerqueira
- 17 Maria da Graça Fernandes Gomes Teixeira
- 18 Maria Helena Vidal dos Santos Crespo
- 19 Maria Isabel Marques Mano Guimarães
- 20 Maria José Cruz Madail Ferreira
- 21 Maria Júlia Bastos Pereira, transf. para o ens. particular
- 22 Maria Júlia Caleiro Martins
- 23 Maria de Lurdes Gamelas Cardoso
- 24 Maria de Lurdes Ribeiro da Cunha
- 25 Maria de Lurdes Silva Mateus, s. m. *Port.*
- 26 Maria Manuela Gomes da Costa Oóis
- 27 Maria Manuela Lé Nunes Rangel, s. m. *Mat.*
- 28 Maria Manuela Nogueira Pinheiro e Silva, transf. para L. Marques
- 29 Maria Manuela Simões Carlos, s. m. *Mat.*
- 30 Maria Margarida Nogueira Pinheiro e Silva, transf. para L. Marques
- 31 Maria Susana Branco Pinto, s. m. *Geog.*
- 32 Marinete Nunes Pires
- 33 Natividade Simões da Rocha
- 34 Ofélia Maria Machado Marques, s. m. *Mat.*
- 35 Dulce Pereira de Oliveira

4.º ano — Turma B

- 1 Aginaldo Armindo da Silva Melo
- 2 Altino da Cruz Almeida
- 3 Álvaro Pereira Duarte, s. m. *Mat.*
- 4 Américo da Silva Ramalho, s. m. *Ci. Nat.*

- 5 António Afonso da Silva Vigário, s. m. *Mat.*
- 6 António Dias de Lemos, s. m. *Inglês*
- 7 António Fernando Palhoto Pereira Peixinho
- 8 António Lança de Oliveira Matos
- 9 Arlindo Ferreira Lopes de Almeida, s. m. *Mat.*
- 10 Benvindo António Baptista da Silva Justiça
- 11 Carlos Manuel Pires Tavares, perdeu o ano dor faltas
- 12 Carlos Manuel Sobreiro Vidal, s. m. *Mat.*
- 13 Duarte Marques Borralho, s. m. *Mat.*
- 14 Eduardo Andias Meireles, s. m. *Mat.*
- 15 Ernesto Manuel dos Santos Pinhal
- 16 Fernando Duarte Pereira, s. m. *Inglês*
- 17 Francisco José Machado de Oliveira Ferreira
- 18 Henrique Augusto Coutinho de Almeida Cordeiro
- 19 Horácio Reis Pedreiras
- 20 Humberto Lopes da Rosa Neto, s. m. *Inglês*
- 21 João Adalberto Teixeira do Amaral Brites, reprovado
- 22 Joaquim Pereira de Pinho, reprovado
- 23 José Luis Rebocho de Albuquerque Cristo, s. m. *Mat.*
- 24 Luís Filipe Martins Mota, s. m. *Mat.*
- 25 Manuel Pinho de Melo
- 26 Mário Júlio Machado da Graça Malaquias
- 27 Maurício dos Santos Parracho, s. m. *Ci. Nat.*
- 28 Pedro Simões Dias, s. m. *Mat.*
- 29 Rogério da Silva Leitão (Chefe)
- 30 Rui de Pinho Neto Brandão, reprovado
- 31 Rui Soares da Cruz Almeida

5.º ano — Turma A

- 1 Ana Maria Rolin Pereira Barata, 12 valores
- 2 Augusta Carmelita N. P. Oliveira Vasconcelos, 12 val.
- 3 Cecília da Costa Fonseca, só secção de Ciências (12 val.)
- 4 Clementina Lisboa da Costa Mortágua, só secção de Ciências (12 val.)
- 5 Elvira Marques Branco, 13 val.
- 6 Ema Pinheiro Pais, 12 val.
- 7 Ester Ribeiro de Campos, 12 val.
- 8 Laurinda Oliveira Rodrigues, 13 val.
- 9 Maria Adelaide Barreto Cerqueira, 11 val.
- 11 Maria Armanda Lemos de Carvalho, 11 val.
- 12 Maria Eneida Souto Ferreira do Amaral, anulou a matrícula
- 13 Maria Ermelinda Freire Marques Damas, reprovada
- 14 Maria Fernanda Durães Moreira, 11 val.
- 15 Maria da Glória de Resende Andrade, só secção de Letras (12 val.)
- 16 Maria José Durães Moreira, 15 val.
- 17 Maria José de Lima Campos, 13 val.
- 18 Maria Leonor de Pinho Cabrita, 11 val.
- 19 Maria Luísa Pinheiro Torres (Chefe), reprovada
- 20 Maria de Lurdes dos Santos Mamede, 12 val.
- 21 Maria Maia Vieira, só secção de Letras (12 val.)
- 22 Maria Manuela do Amaral Vicente de Matos, 11 val.
- 23 Maria Manuela da Costa Fonseca, 11 val.
- 24 Maria Manuela Roim Pereira Barata, perdeu o exame, por doença
- 25 Maria Margarida Ribeiro Martins, 14 val.
- 26 Maria Marques de Almeida e Silva, 15 val. (distinta)

- 27 Maria Odete Cândida M. Carvalho, 13 val.
- 28 Maria Olinda Furoa da Rocha, 13 val.
- 29 Maria Teresa Mourão do Amaral Coutinho, 17 val. (distinta)
- 30 Maria Teresa Ramos Cardoso, 11 val.
- 31 Rosa Isabel Pinho Vaz, transferida para Coimbra
- 32 Rosa Maria de Andrade de Almeida Rino, 12 val.

5.º ano — Turma B

- 1 Abel Carlos da Costa Vidal, reprovado
- 2 Adriano Antero Pereira Tadeu Ferreira, 13 valores
- 3 Amândio Manuel da Rocha Pinguelo, passou ao ens. particular
- 4 António Leopoldo Rebocho de Albuquerque Cristo, 13 val.
- 5 António Varelas Graça, só a secção de Letras (12 val.) Anulada a secção de Ciências por fraude
- 6 Armando da Silveira Abrantes, reprovado
- 7 Elísio Maria de Oliveira Ribeiro (Chefe), 13 val.
- 8 Ernes' o Freire de Matos, 13 val.
- 9 Evangelista de Moraes Sarmiento, perdeu o ano por faltas
- 10 Fernando de Sousa Garcia, 16 val. (distinto)
- 11 Francisco de Assis Bernardo Ferreira da Maia, 13 val.
- 12 Henrique dos Santos Vieira, 12 val.
- 13 Horácio Alves Marçal, 12 val.
- 14 Humberto de Jesus Loureiro da Silva, só secção de Ci. (13 val.)
- 15 Humberto Jorge da Rocha Oliveira, 13 val.
- 16 Jorge Manuel Calheiros da Silveira, transf. para o ens. particular
- 17 Jorge Silva Pinto Costa, 15 val.
- 18 José de Almeida Pinho Bandeira, 15 val.
- 19 José Eugénio Ferreira da Naia Velhinho, 13 val.
- 20 José Fernando M. M. C. A. d'Eça M. S. Soares, 12 val.
- 21 José Manuel Corujo Balseiro, passou ao ens. particular
- 22 Luís Armando Cester da Costa, só secção de Ci. (13 val.)
- 23 Manuel Caçoilo Fidalgo, reprovado
- 24 Manuel Ribeiro da Silva, só secção de Ci. (13 val.)
- 25 Mário de Resende Ramos, reprovado
- 26 Rui Silva Pinto Costa, 15 val.
- 27 Fernando Eduardo de Freitas Costa, 12 val.

6.º ano

- 1 António José F. Simões Ré
- 2 António Lemos de Carvalho
- 3 António Libório da Rocha Cândido, repr. C. Nat., Fis.-Q. e Mat.
- 5 António Pinto Fernandes Pega
- 6 António Tavares Simões Capão
- 7 Armando Borrvalho Neves, repr. em Ci. Naturais
- 8 Armando José Saraiva, repr. em Ci. Nat. e Fis.-Q.
- 9 Armando da Silva Vigário, repr. em Mat.
- 10 Artur Aníbal R. Santos Dias, repr. C. Nat., Fis.-Q., Mat. e Desenho
- 11 Artur José Chuvas Gordinho
- 12 Bento Eduardo S. Capote Teiga, repr. Ci. Nat. e Fis.-Q.
- 13 Bernardino dos Santos Silva
- 15 Carlos Lourenço Bóia
- 16 Carlos Manuel Teles Paião, rep. C. Nat., Fis.-Q. e Mat.

- 17 Célia Simões de Matos
- 18 Ernesto Marques de Pinho, repr. *Mat.*
- 19 Joaquim António C. Silveira
- 20 Joaquim Macias Vilão
- 21 José Sales da Rocha Mano, repr. *C. Nat., Fis.-Q. e Mat.*
- 23 Manuel Carlos O. da Graça
- 24 Manuel Fernando S. C. Ferreira (Chefe)
- 25 Maria Eduarda C. Cerqueira
- 26 Maria José Azevedo Pinho
- 27 Maria Júlia A. Eça Soares, repr. em *História*
- 28 Maria Luísa de Melo Ramos, repr. em *Alemão*
- 29 Marja Margarida C. M. da Silva, repr. em *Mat.*
- 30 Maria Nazaré F. Oliveira
- 31 Maria Rute Sousa do Bem
- 32 Maria da Saudade B. R. de Melo
- 33 Mário Carlos G. M. Gamelas, repr. *Fil., C. Nat., Fis.-Q., Mat. e Des.*
- 34 Mário de Castro Ferraz de Liz, repr. *C. Nat., Fis.-Q., Mat. e Des.*
- 35 Patrício Bismarque F. do Agro
- 36 Rui Bogão da Luz Garcia
- 37 Sérgio Reis da Costa, perdeu o ano por faltas.
- 38 Ulisses Rodrigues Pereira, repr. *Mat.*
- 39 Valdemar Seabra Mota
- 40 José Martins Ferreira
- 41 José Luís Pinto Queirós Ataíde e Almeida, repr. *Ci. Nat e Desenho*

biblioteca

7.º ano

- 1 Adélia Teixeira Vilarinho, transf. para o ens. particular
- 2 Alberto Jorge A. Lopes, *15 valores*
- 3 Alberto Porfírio C. e Silva, *14 val.*
- 4 Álvaro Gomes de Bastos Araújo, *14 val.*
- 5 Ana Maria P. Dias Urbano, *15 val.*
- 6 Anibal Celestino G. Rocha, *13 val.*
- 7 António Augusto M. O. Pinto (Pres. da Academia)
- 8 António Manuel Pascoal, repr. *C. Nat. e Mat.*
- 9 António Marques da Silva, anulou a matrícula
- 10 António V. Lona Peres, repr. *Mat.*
- 11 Armando Ferreira Madal, repr. *C. Nat. e Mat.*
- 12 Carlos Alberto C. Monteiro, *16 val.* (distinto)
- 13 Carlos Alberto Sarrazola Martins, repr. *Mat.*
- 14 Celso Bernardo de Albuquerque, *16 val.* (distinto)
- 15 Horácio Cerveira A. Oliveira, *13 val.*
- 16 Ilza Maria G. Vaz Craveiro, repr. *Fil., C. Nat., Mat. e Organização*
- 17 João Carlos Marques Bela
- 18 João Rebelo Pereira Bóia, repr. *Fis.-Q., Mat. e Desenho*
- 19 Joaquim J. F. Lopes Campanhã, repr. *Fis.-Q. e Desenho*
- 20 José Marques de Pinho, *15 val.*
- 21 José de Melo Cunha, *15 val.*
- 22 Manuel González de Queirós (Chefe) *16 val* (distinto)
- 23 Manuel Pedro R. Coelho, *13 val.*
- 24 Manuel Tavares da Conceição
- 25 Maria Adozinda G. Cardoso, *15 val.*
- 26 Maria Irene V. Baptista, *17 val.* (distinta)
- 28 Maria Regina Ruela Ramos, *15 val.*

- 20 Maria Regina F. Tavares Lebre, repr. *Mat.*
 30 Maria da Soledade F. Génio
 31 Saudade Rosa Carmo Martins, 13 val.
 32 Fernando de Castro M. Ribeiro, repr. *C. Nat. e Mat.*

3 — Pessoal de cada ciclo:

1.º ciclo: *Director*, Manuel da Silva Gaspar Júnior (2.º A, B e C); *Delegada*, D. Maria Aurélia de Almeida (1.º A, B e C); *Secretária*, D. Dorinda Agualusa.

Professores do 1.º ano

	Turma A	Turma B	Turma C
Português	— D. Dorinda	D. Dorinda	D. Emília
Francês	—	»	»
Ciências	— Loureiro	Loureiro	Loureiro
Matemática	— D. Amélia (Sec.)	D. Amélia	D. Amélia
Desenho	{ D. Amélia Rocha	{ D. Amélia F. Neves	{ D. Amélia Rocha
Religião e Moral	— P.º Agostinho	P.º Agostinho	P.º Abreu Freire
Educação Física	— D. M.ª Alcântara	P. Ferreira	P. Ferreira
Canto Coral	— D. Olide	D. Olide	P.º Estêvão
Lavores	— D. M.ª Furtado	D. M.ª Furt.º	—

Continuos das turmas — Oliveira e J. Gamelas

Professores do 2.º ano

	Turma A	Turma B	Turma C
Português	— Saraiva de Carvalho	Serra	Serra
Francês	—	D. Dorinda	Gaspar
Ciências	— Patrício (Sec.)	Patrício	Patrício
Matemática	— F. Neves	F. Neves	F. Neves
Desenho	— Rocha	F. Neves	{ D. Amélia Rocha
Religião e Moral	— P.º Abreu Freire	P.º Agostinho	P.º Abreu Freire
Educação Física	— D. M.ª Alcântara	P. Ferreira	P. Ferreira
Canto Coral	— D. Olide	P.º Estêvão	P.º Estêvão
Lavores	— D. M.ª Furtado	—	—

Continuos das turmas — Oliveira e F. Gamelas

2.º ciclo: *Director*, José Carneiro da Silva (4.º A e B; 5.º A e B); *Delegada*, D. Madalena Rosa (3.º A, B e C); *Secretário*, Álvaro Saraiva de Carvalho.

Professores do 3.º ano

	Turma A	Turma B	Turma C
Português	— Saraiva de Carvalho	Serra	Serra
Francês	— »	D. Dorinda	D. M. ^a da Luz
Inglês	— D. Emília	D. Emília	D. M. ^a da Luz
História	— D. Madalena	D. Madalena	Assis
Geografia	— D. Madalena	S. de Carvalho	Patrício
C. Naturais	— D. Lubélia (Sec.)	D. Lubélia	D. Lubélia
Ci. Fis.-Quím.	— Mendonça, Euclides	Mendonça, Euclides	Mendonça, Euclides
Matemática	— D. Amélia	D. Amélia	D. Amélia
Desenho	— D. Aurélia	D. Aurélia	D. Aurélia
Religião e Moral	— P. ^o A. Ferreira	P. ^o Agostinho	P. ^o Agostinho
Educação Física	— D. M. ^a Alcântara	f P. Ferreira D. M. ^a Alcan.	P. Ferreira
Canto Coral	— D. Olide	P. ^o Estêvão	P. Estêvão
Lavores	— D. M. ^a Furtado	D. M. ^a Furtado	—

Continuos das turmas — Oliveira, Moreira e Ferreira

Professores do 4.º ano

	Turma A	Turma B
Português	— Serra (Sec.)	Serra
Francês	— D. Emília	D. Emília
Inglês	— D. M. ^a da Luz	D. M. ^a da Luz
História	— Assis	Assis
Geografia	— Patrício	Patrício
C. Naturais	— D. Lubélia	Orlando
Ci. Fis.-Quím.	— D. Lubélia	Mendonça, Euclides
Matemática	— F. Neves	Carneiro
Desenho	— D. Aurélia	D. Aurélia
Religião e Moral	— P. ^o Abreu Ferreira	P. ^o Agostinho
Educação Física	— D. M. ^a Alcântara	P. Ferreira
Canto Coral	— D. Olide	P. ^o Estêvão
Lavores	— D. M. ^a Furtado	—

Continuos das turmas — Oliveira e Ferreira

Professores do 5.º ano

	Turma A	Turma B
Português	— Gaspar	Santos
Francês	— »	Gaspar
Inglês	— D. Maria Luísa (Sec.)	D. Maria Luísa
História	— Assis	D. Madalena
Geografia	— Patrício	Patrício
C. Naturais	— Orlando	Orlando
Ci. Fis.-Quím.	— D. Lubélia	D. Lubélia
Matemática	— Carneiro	Carneiro
Desenho	— D. Aurélia	D. Aurélia
Religião e Moral	— P. ^o Agostinho	P. ^o Abreu Freire
Educação Física	— D. Maria Alcântara	P. Ferreira
Canto Coral	— D. Olide	P. ^o Estêvão
Lavores	— D. Maria Furtado	—

Continuos das turmas — Oliveira e Ferreira

3.º ciclo: *Director*, Orlando de Oliveira; *Secretário*, Alfredo dos Santos.

Professores do 6.º ano

Português	— Santos
Latim	— Reitor
Grego	— Santos
Francês	— Gaspar
Inglês	— D. Maria Luísa
Alemão	— D. Maria da Luz
História	— D. Madalena
Filosofia	—
Geografia	— Loureiro
C. Naturais	— Orlando
Ci. Fis.-Químicas	— Mendonça, Euclides
Matemática	— Carneiro
Desenho	— Rocha
Organização	— Assis
Religião e Moral	— P.º Abreu Freire
Educação Física	— D. Maria Alcântara e Pedro Ferreira

Continuo da turma — Moreira

Professores do 7.º ano

Português	— Santos
Latim	— Reitor
Grego	— Santos
Francês	— Gaspar
Inglês	— D. Maria da Luz
Alemão	— D. Maria da Luz
História	— Assis
Filosofia	— D. Madalena
Geografia	— Loureiro
Ci. Naturais	— Orlando
Ci. Fis.-Químicas	— D. Eubélia
Matemática	— Carneiro
Desenho	— Rocha
Organização	— Assis
Religião e Moral	— P.º Abreu Freire
Educação Física	— D. Maria Alcântara e Pedro Ferreira

Continuo da turma — Moreira

4 — *Os horários.* — A distribuição dos tempos lectivos foi feita de acordo com o Art.º 351.º do Estatuto (dois períodos de três tempos cada, o primeiro a começar às 9 horas, e o segundo às 14).

5 — *Funcionamento das aulas e sessões.* — Deviam ter-se realizado, durante o ano lectivo, 13.823 aulas [5.507 no 1.º ciclo; 6.437 no 2.º ciclo; 1.879 no 3.º ciclo]. Tendo-se realizado 12.751 [5.076 no 1.º ciclo; 5.937 no 2.º e 1.738 no 3.º], deixaram de se realizar 1.072 [431 no 1.º ciclo; 500 no 2.º e 141 no 3.º], por falta de professores no princípio do ano, por doença, por nojo e em virtude de serviço oficial.

A assiduidade dos professores foi satisfatória, e a dos alunos regular.

6 — *A disciplina* — Houve necessidade de aplicar vários castigos a alunos do 3.º, 4.º e 5.º ano e a duas alunas do 3.º.

Como perto do Liceu existem duas casas possuidoras de maquinas com jogos de carácter desportivo, onde bastantes alunos costumam perder tempo e gastar dinheiro, para isso chamei no começo do ano a atenção das autoridades — Governo Civil e Polícia —, a fim de conseguir que os proprietários fossem obrigados a não aceitar a frequência de alunos. Tendo-me as citadas entidades oficiais declarado não poderem intervir, em virtude de aquele jogo ser permitido, convoquei, por circular, os pais e encarregados da educação para uma reunião que se realizou no dia 29 de Outubro de 1949 com grande afluência de interessados. A iniciativa deu óptimos resultados: dali por diante, os alunos passaram, em geral, a não frequentar as citadas casas, tão prejudiciais ao seu aproveitamento e à sua educação moral.

7 — *Reuniões dos conselhos:*

a) — *Conselho escolar:*

10-X-1949 — Escolha de livros para o ano de 1949-1950. Indicações do reitor para a perfeita coordenação do ensino. Eleições dos professores que no ano de 1950 hão-de exercer junto do Tribunal da Tutoria da Infância da Comarca de Aveiro os cargos de Juiz Adjunto e do seu substituto.

4-I-1950 — Apreciação do resultado da frequência do 1.º período; coordenação do ensino; cumprimento dos programas; disciplina; o Liceu e os pais e encarregados da educação.

25-VII-950 — O reitor apresentou ao Conselho o Regulamento do prémio «João Carlos», instituído pelo Sr. Pedro Grangeon Ribeiro Lopes e aprovado pelo Subsecretário de Estado da Educação Nacional por despacho de 27 de Junho de 1950, do teor seguinte:

Regulamento do «Prémio JOÃO CARLOS», instituído por Pedro Grangeon Ribeiro Lopes

Artigo 1.º

Pedro Grangeon Ribeiro Lopes institui no Liceu Nacional de Aveiro o «Prémio João Carlos», em memória de seu filho João Carlos Salgueiro Ribeiro Lopes, que dele foi aluno.

Artigo 2.º

O aludido prémio é de 500\$00.

Artigo 3.º

O prémio será distribuído ao aluno interno, ou aluna, sem distinção de ano, que obtenha maior classificação geral no final de cada ano lectivo.

Artigo 4.º

Se em determinado ano o aluno candidato tiver já direito a outro prémio anteriormente estabelecido, será o «Prémio João Carlos» desdobrado, atribuindo-se ao aluno mais classificado metade do referido prémio e beneficiando da outra metade o aluno com classificação imediatamente inferior.

Artigo 5.º

Havendo dois ou mais alunos com a mesma classificação, terá direito ao prémio o mais novo.

Artigo 6.º

Logo que seja feito o apuramento, participar-lho-á a reitoria do Liceu, para o efeito de ser por ele enviada a respectiva importância, que será entregue na sessão da abertura das aulas do lectivo imediato.

Aveiro, 20 de Junho de 1950.

Depois de se congratular pela maneira inteligente como decorrerá o serviço de exames, o reitor, referindo-se à campanha que na cidade se desenvolveu contra o professor Orlando de Oliveira, até a ponto de o acusarem de injusto nas classificações, afirmou-lhe a sua solidariedade.

b) — *Conselhos Disciplinares* :

- 10-X-1949 — Marcação dos dias e horas em que os directores de ciclo e seus delegados receberão os pais ou encarregados da educação dos alunos.
- 28-X-1949 — Disciplina (5.º B).
- 7-XII-1949 — Disciplina.
- 19-XII-1949 — Marcação dos dias e horas das reuniões de apuramento da frequência do primeiro período escolar; aplicação de castigos a seis alunos do 4.º ano, turma B, por actos de indisciplina praticados na aula de Francês.
- 6-I-950 — Disciplina.
- 17-I-950 — Modificações no horário das recepções dos directores do ciclo e seus delegados aos encarregados de educação.
- 20-I-950 — Aplicação de castigos a duas alunas do 3.º ano, turma A, por actos de indisciplina em actividades da M. P. Feminina.
- 6-II-950 — Aplicação de castigos a vários alunos do 3.º 4.º e 5.º ano.
- 22-II-950 — Relevação de faltas a um aluno do 3.º B e a outro do 6.º.
- 1-III-950 -- Relevação de faltas a um aluno do 1.º C.
- 22-III-950 — Relevação de faltas a um aluno do 6.º ano e a outro, do 7.º, mas a este, só em relação à disciplina de desenho; conhecimento do teor da circular n.º 1630, de 17-III-950.
- 28-III-950 — Marcação dos dias e horas destinados ao apuramento da frequência do 2.º período escolar.
- 14-IV-950 — Rendimento escolar do 2.º período; disciplina.
- 9-V-950 — Aprovação do plano da excursão apresentado pelo director do Centro da M. Portuguesa, com o itinerário de Aveiro-Coimbra-Leiria-Marinha Grande-Nazaré-Alcobaça-Batalha-Fátima-Tomar-Barragem do Castelo do Bode-Condeixa-Aveiro, a realizar no dia 16 de Maio, feriado da cidade.
- 18-V-950 — Relevação de faltas a um aluno do 3.º C.

- 24-V-950 — Aplicação de castigo a um aluno do 4.º B.
 13-VI-950 — Marcação das horas para as reuniões do apuramento da frequência; relevação de faltas a alunos do 1.º, 2.º e 4.º ano.

c) — *Conselho do ciclo* :

1.º ciclo :

- 26-X-1949 — Fixação dos dias destinados a exercícios escritos em todas as turmas do 1.º e do 2.º ano.
 18-I-1950 — Idem, idem.
 12-VI-950 — Cumprimento dos programas.

2.º ciclo :

- 27-X-1949 — Fixação dos dias destinados a exercícios escritos em todas as turmas do 3.º, 4.º e 5.º ano.
 12-I-1950 — Cumprimento dos programas.

3.º ciclo :

- 21-I-1949 — Marcação dos dias de exercícios escritos e coordenação de ensino.
 12-I-1950 — Coordenação do ensino e nova marcação dos dias do exercício escritos, por ter havido mudança de horário.

d) — *Conselho de professores* :

As reuniões do apuramento da frequência realizaram-se nos dias 21, 22 e 23 de Dezembro de 1949 (*1.º período*); 29, 30 e 31 de Março de 1950 (*2.º período*); 14 e 15 de Junho (*3.º período*).

e) — *Conselhos de anos* :

1.º ciclo :

Nos dias 26 de Outubro de 1949, 28 de Novembro, 21 de Dezembro, 28 de Janeiro de 1950, 25 de Fevereiro, 29 de Março, 27 de Abril, 27 de Maio, 14 de Junho.

2.º ciclo :

Nos dias 27 de Outubro de 1949, 29 de Novembro, 21 de Dezembro, 13 de Janeiro de 1950, 27 de Fevereiro, 29 de Março, 31 de Março, 27 de Abril, 25 de Maio, 12 de Junho, 15 de Junho.

3.º ciclo:

Nos dias 21 de Outubro de 1949, 23 de Novembro, 22 de Dezembro, 19 de Janeiro de 1950, 24 de Fevereiro, 30 de Março, 26 de Maio, 8 de Junho, 14 de Junho.

8) — *Cumprimento dos programas*: — 1.º ciclo — Cumpriram-se integralmente. — 2.º ciclo — Cumpriram-se integralmente, com as seguintes excepções: em *Físico-Químicas do 3.º A*, não foi dada a parte do programa a partir do estudo do ar — comburência do oxigénio —, em virtude da circunstância de o professor Mendonça ter sido substituído em Maio pelo professor permutante Euclides de Araújo, que deu em resultado estarem os alunos sem aulas quase um mês; no 5.º A e B, não foi possível dar certos passos dos cantos 8.º, 9.º e 10.º de *«Os Lusíadas»*. — 3.º ciclo — No 6.º ano, e por falta de tempo devida a circunstâncias anormais, o professor de Ciências Físico-Químicas não pôde dar a rubrica «Divisão geral dos elementos em metais e metalóides»; o professor de Matemática não pôde dar convenientemente a rubrica «Menor múltiplo comum»; e o professor de Português não conseguiu dar a rubrica «Alexandre Herculano». — No 7.º ano, o professor de Latim apenas pôde dar muito superficialmente textos dos autores Plínio, o Moço, e Séneca.

9) — *Coordenação do ensino*. — As disciplinas entregues a professores diferentes em turmas paralelas foram as de *Português e Francês* do 1.º e 2.º ano; de *Português, Francês, Inglês, História e Geografia* do 3.º ano, e de *História* do 5.º. A coordenação do ensino fez-se pelo permanente entendimento dos respectivos professores, quer em conselhos, quer no convívio de todos os dias.

10 — Os exames:

a) — *Constituição dos júris*:

1.º ciclo (2.º ano)

	Provas escritas	Provas orais	
		1.º júri	2.º júri
<i>Português</i>	— Santos	Serra	D. Emília
<i>Francês</i>	— D. Emília	Gaspar	Gaspar
<i>Ciências</i>	— D. Orlanda (1)	D. Orlanda	Patrício
<i>Matemática</i>	— Carneiro (Pres.)	F. Neves (Pres.)	Rocha (Pres.)
<i>Desenho</i>	— D. Aurélia	—	—

(1) — D. Orlanda Vieira de Carvalho, prof. do Ensino Particular (6.º grupo), nomeada nos termos do Art.º 465.º do Estatuto.

2.º ciclo (5.º ano)

Secção de Letras

Escritas		Orais	
		1.º júri	2.º júri
<i>Português</i>	— Serra (Pres.)	Santos	Saraiva
<i>Francês</i>	— D. Dorinda	D. Dorinda	D. Dorinda
<i>Inglês</i>	— D. Maria da Luz	D. Maria Luísa	D. Maria da Luz
<i>História</i>	— D. Julieta (1)	D. Madal. (Pres).	Assis (Pres).

Secção de Ciências

<i>Geografia</i>	— Loureiro	Loureiro (Pres.)	D. Julieta
<i>Ciências</i>	— Patricio	Orlando	Orlando
<i>Fis.-Qui.</i>	— Euclides	D. Lubélia	D. Lubélia
<i>Matemática</i>	— F. Neves	D. Amélia	Carneiro (Pres.)
<i>Desenho</i>	— Rocha (Pres.)	—	—

3.º ciclo (7.º ano)

	Provas escritas	Provas orais
<i>Português</i>	{ Reitor (Pres.)	Assis (Pres.)
<i>Latim</i>	{ Saraiva	Santos
<i>Grego</i>	{ D. Dorinda	Saraiva
	{ Reitor	Assis
<i>Francês</i>	{ D. Dorinda	Gaspar
	{ D. Maria Luísa	Saraiva
	{ Reitor	Orlando
<i>Inglês</i>	{ D. Maria Luísa	D. Maria da Luz
<i>Alemão</i>	{ D. Dorinda	D. Maria Luísa
	{ Reitor	Orlando
<i>História</i>	{ Patricio	Assis, Loureiro (Geog.)
<i>Geografia</i>	{ D. Madalena	Patricio
	{ Reitor	D. Aurélia
<i>Filosofia</i> (2)	{ Assis	D. Madalena
	{ D. Amélia	Santos
	{ Reitor	Reitor
<i>C. Naturais</i> (2)	{ D. Lubélia	Orlando
	{ D. Amélia	Saraiva
	{ Reitor	Assis
<i>Fis.-Qui.</i> (2)	{ Orlando	D. Lubélia
	{ D. Aurélia	D. Amélia
	{ Reitor	F. Neves
<i>Matemática</i>	{ D. Amélia	Carneiro
	{ Rocha	D. Amélia
	{ Reitor	D. Madalena
<i>Organização</i>	{ D. Madalena	Assis
	{ Patricio	Saraiva
	{ Reitor	Gaspar
<i>Desenho</i>	{ D. Aurélia	Rocha
	{ Carneiro	D. Lubélia

(1) — D. Julieta da Silva Pereira, professora de Ensino Particular (5.º grupo), nomeada nos termos do Art.º 463.º do Estatuto.

(2) — As provas foram classificadas no Liceu de D. João III (Art.º 514.º, n.º 2, do Estatuto).

6.º ano (*antigo regime*)

Prova escrita

<i>Português</i>	— Serra
<i>Latim</i>	— Serra
<i>Inglês</i>	— D. Maria Luísa
<i>História</i>	— D. Madalena
<i>C. Naturais</i>	— Orlando (Pres.)
<i>Fis.-Quím.</i>	— D. Lubélia
<i>Álgebra</i>	— Carneiro
<i>Geometria</i>	— D. Amélia

Prova oral

} Saraiva	D. Maria da Luz
} D. Lubélia	D. Amélia

Cursos complementares (*antigo regime*)

7.º ano de Letras

<i>Hist. Portuguesa</i>	— Santos
<i>Latim</i>	— Santos
<i>Organização</i>	— Assis (Pres.)
<i>Filosofia</i>	— D. Madalena
<i>C. Geográficas</i>	— Loureiro

7.º ano de Ciências

<i>Organização</i>	— Assis
<i>Ci. Geográficas</i>	— Loureiro
<i>Filosofia</i>	— D. Madalena
<i>Matemática</i>	— Carneiro (Pres.)
<i>Ci. Biológicas</i>	— Orlando
<i>Fis.-Química</i>	— Euclides

Nos exames do 5.º ano, foram anuladas as provas da secção de Ciências a um aluno interno, que tentava usar de fraude na prova de Desenho.

Foram interpostos três recursos por alunos externos: dois de 7.º ano da Nova Reforma (Português e História) por uma aluna, e um (Ciências Biológicas) por um aluno do 7.º ano transitório. Desses recursos, foram providos os de Português e Ciências Biológicas, e negado provimento ao de História. Deu-se, porém, o caso, verdadeiramente sensacional, de os interessados terem tido conhecimento das respectivas decisões muito antes de elas serem comunicadas a esta reitoria!

Indivíduos sem escrúpulos levantaram na cidade uma infame campanha de descrédito contra o professor efectivo do 6.º grupo Orlando de Oliveira, motivada pela reprovação de vários examinandos nas disciplinas de Ciências Físico-Naturais (6.º ano) e de Ciências Biológicas (7.º ano transitório). Tão injusta foi tal campanha, que entendi dever expô-la ao Conselho Escolar em sessão do dia 25 de Julho e afirmar ao professor visado toda a minha solidariedade.

Transição

1.º ano e 2.º ano

Português	— Saraiva
Francês	— Gaspar
Ciências	— Patrício
Matemática	— D. Aurélia
Desenho	— D. Aurélia

4.º ano

Português	— Saraiva
Francês	— Gaspar
Inglês	— D. Maria da Luz
História	— Assis
Geografia	— Patrício
C. Naturais	— Orlando (Pres.)
Fis.-Quím.	— " "
Matemática	— D. Amélia
Desenho	— D. Aurélia

Exames de admissão

Prova escrita (Art.º 266.º do dec. n.º 36:509) — *Presidente* — Reitor; *Vogais*: Saraiva (ditado); Santos (redacção); Carneiro (Arit. e Geometria); Rocha (Desenho).

Prova oral (Art.º 267.º do citado decreto): *1.º júri* — *Presidente* — Rocha (Arit. e Geometria); *Vogais* — Santos (Português), D. Madalena (Hist. e Geogr.). — *2.º júri* — *Presidente* — Assis (Hist. e Geogr.); *Vogais* — D. Maria da Luz (Português), D. Amélia (Arit. e Geometria). — *3.º júri* — *Presidente* — Carneiro (Arit. e Geometria); *Vogais* — D. Dorinda (Português), Patrício (Hist. e Geografia). — *4.º júri* — *Presidente* — Orlando (Arit. e Geometria); *Vogais* — Saraiva (Português), D. Emília (Hist. e Geografia).

O resultado destes exames foi o seguinte:

Dos 406 examinandos, faltaram a todas as provas escritas 7, e às duas últimas provas 2; foram excluídos das provas orais 49; foram eliminados na prova oral 74; foram admitidos — 274.

Percentagem de reprovações — 30,9.

" de aprovações — 69.

11 — *Rendimento do ensino* (disciplinas eliminatórias)

a) — *Em quantidade*:

As percentagens de alunos aprovados por média, ou no exame foram as seguintes:

1.º ciclo :**1 ano :**

Turma A — 82,6 0/0 ; T. B — 96 0/0 ; T. C — 92 0/0.

2.º ano :

Turma A — 93,3 0/0 ; T. B — 84 0/0 ; T. C — 92,3 0/0.

No exame — 84,9 0/0.

2.º ciclo :**3.º ano :**

T. A — 93,3 0/0 ; T. B — 100 0/0 ; T. C — 90,3 0/0.

4.º ano :

T. A — 100 0/0 ; T. A — 90 0/0.

5.º ano :

Ad. a exame : T. A — 96,5 0/0 ; T. B — 79,1 0/0.

No exame :

Seção de Letras — 88,9 0/0.

• Ciências — 95,4 0/0.

3.º ciclo :**6.º ano :**

Português, Latim, Grego, Francês e Geografia — 100 0/0.

Inglês e Alemão — 67 0/0.

História — 60 0/0.

Filosofia — 85 0/0.

C. Naturais — 59 0/0.

C. Fis.-Químicas — 68 0/0.

Matemática — 55 0/0.

Desenho — 79 0/0.

Organização — 85 0/0.

7.º ano :

Francês, Inglês, Alemão e Geografia — 100 0/0.

Português — 60 0/0.

Latim — 40 0/0.

Grego — 25 0/0.

História — 70 0/0.

Filosofia — 78 0/0.

C. Naturais — 85 0/0.

C. Fis.-Químicas — 95 0/0.

Matemática — 72 0/0.

Desenho — 90 0/0.

Organização — 88 0/0.

b) — *Em qualidade:*

Obtiveram notas superiores a 9 valores, em todas as disciplinas e períodos, 143 alunos, assim discriminados:

Transporte — 93

1.º ano		4.º ano	
Turma A — 9		Turma A — 9	
" B — 16		" B — 3	12
" C — 11	36		
2.º ano		5.º ano	
Turma A — 15		Turma A — 13	
" B — 9		" B — 4	17
" C — 7	31		
3.º ano		6.º ano —	6
Turma A — 9		7.º ano —	15
" B — 8			143
" C — 9	26		

Transitaram ou foram aprovados no exame com notas superiores a 13 valores:

Com 14 valores — 2 no 1.º ano; 1 no 2.º; 3 no 4.º; 1 no 5.º; 1 no 6.º e 2 no 7.º;

Com 15 valores — 2 no 1.º ano; 5 no 2.º; 1 no 3.º; 1 no 4.º; 4 no 5.º e 4 no 7.º;

Com 16 valores — 1 no 2.º ano; 2 no 5.º e 4 no 7.º;

Com 17 valores — 1 no 5.º ano e 1 no 7.º.

D — *As instalações*

1 — *Enumeração das instalações com director privativo:* Biblioteca, Física-Química, Ciências, Geografia, Desenho e Trabalhos Manuais.

2 — *Biblioteca.* — Foi director o prof. efectivo do 1.º grupo Pedro Serra, e auxiliar o contínuo João Baptista Moreira.

Foram satisfeitas durante o ano 1.179 requisições de livros, sendo 469 para leituras na biblioteca e 710 para leitura doméstica.

Desde Outubro de 1949 a Setembro de 1950, entraram na biblioteca, por compra e por oferecimento, 188 volumes (1).

3 — Outras instalações :

a) — **Física** — Foi director o prof. Leandro de Mendonça e de Maio por diante o prof. Euclides de Araújo, e empregado auxiliar o contínuo Domingos Ferreira.

Aquisições para o gabinete: a) Suporte de madeira para lentes; casquilho para um balão; duas lâmpadas de 3 volts; vaso de latão para o calorímetro; tubo para o efusímetro de Bunsen — 168\$50; b) — Alcool puro, petróleo, álcool desnaturado, cloreto de amónio, velas, éter sulfúrico, vaselina, tubo de borracha — 86\$40. — Total — 254\$90.

Reparação do material: Carga de acumuladores, espelho do sextante, câmara escura e cronómetro — 150\$00.

Sessões realizadas no gabinete — (Profs. Mendonça e Euclides; prof. D. Lubélia) — 6.º ano — 36; 7.º ano — 38.

Aulas teórico-práticas:

3.º	A — 40	—	Profs. Mendonça e Euclides
	B — 43	—	" " " "
	C — 37	—	" " " "
4.º	A — 15	—	D. Lubélia
	B — 24	—	Mendonça e Euclides
5.º	A — 22	—	D. Lubélia
	B — 22	—	"
6.º ano	— 21	—	Mendonça

(1) — Oferecimentos importantes foram os da Agência Geral das Colónias (66 volumes em 12 de Dezembro de 1949, por intermédio do prof. Leandro de Mendonça) e da Comissão da Junta de Investigações Coloniais (24 volumes, em 12 de Maio de 1950).

b) — **Química** — Foi director o prof. Leandro de Mendonça e de Maio por diante o prof. Euclides de Araújo, e empregado auxiliar o continuo João de Moraes Gamelas.

Material e reagentes adquiridos — 2.655\$80.

Material inutilizado (vidro) — 276\$50.

Sessões realizadas no gabinete:

6.º ano — 15 — Mendonça e Euclides

7.º " — 11 — D. Lubélia

Aulas teórico-práticas:

3.º A — 6 — Profs. Mendonça e Euclides

B — 3 — " " " "

C — 6 — " " " "

4.º A — 3 — D. Lubélia

B — 17 — Mendonça e Euclides

5.º A — 11 — D. Lubélia

B — 11 — "

c) — **Ciências** — Foi director o prof. Orlando de Oliveira e empregado auxiliar o continuo Francisco de Moraes Gamelas.

Realizaram-se neste gabinete todas as aulas do 3.º ciclo da respectiva disciplina, tanto teóricas como práticas, e ainda todas as de Ciências Naturais do 4.º B, 5.º A e 5.º B e algumas das restantes turmas do 2.º ciclo.

Durante o ano adquiriu-se uma colecção de preparações microscópicas para os trabalhos do 7.º ano.

Dois alunos do 7.º ano fizeram um quadro parietal com esquemas dos "ciclos" do carbono, oxigénio e azoto, e um grupo de alunos do 6.º e 7.º trabalhou na preparação de uma cegonha, que foi oferecida morta ao Liceu.

Estes trabalhos foram dirigidos pelo professor do 6.º grupo Orlando de Oliveira.

d) — **Geografia, Desenho e Trabalhos Manuais** — Foi director o prof. Júlio Leal de Loureiro e empregado auxiliar o contínuo João Maria Pereira Júnior.

Ao gabinete foi oferecido pelo Dr. Amorim Girão, por intermédio do prof. Amílcar Patrício, uma carta de Portugal com a densidade da população por freguesias.

Há também a registar os dois seguintes trabalhos, oferecidos ao gabinete:

Carta pluviométrica de Portugal (escala 1:500.000), feita por dois alunos do 5.º B, sob a direcção do prof. Amílcar Patrício; e

Cartas hipsométricas e pluviométricas de Angola e Moçambique, feita por quatro alunas do 5.º A, sob a direcção do mesmo professor.

E — Obras circum-escolares

1 — *Associações escolares.* — Os bens da antiga «Associação Escolar do Liceu de José Estêvão» pertencem hoje aos Centros da Mocidade Portuguesa, de acordo com o dec. n.º 32.324 de 31 de Agosto de 1942.

2 — *Assistência escolar.* — Os subsídios concedidos pelo Estado e outros foram:

Isenção de propinas	— 35.460\$00
Bolsas de Estudo	— 4.800\$00
Mocidade Portuguesa	— 1.350\$00
Mocidade Port. Feminina	— 4.459\$00

3 — *Prémios:*

a) — *Prémio do «Governador Civil Nicolau Anastácio de Bettencourt»* (300\$00), a cargo do Banco Regional de Aveiro, conferido à aluna do 5.º ano Maria Teresa Mourão de Amaral Coutinho, distinta com dispensa da prova oral com 17 valores;

b) — *Prémio do «Dr. Santos Reis»* (112\$50), concedido ao aluno de 7.º ano Manuel González de Queirós, distinto com 16 valores;

c) — *Prémio da «Sociedade dos Antigos Alunos do Liceu de Aveiro»* (100\$00), concedido à aluna do 2.º ano Maria Noémia do Amaral Coutinho, que obteve a mais alta classificação de Português (16 valores);

d) — *Prémio «João Carlos»* (500\$00), a cargo do Sr. Pedro Grangeon Ribeiro Lopes, concedido à aluna do 7.º ano Maria Irene Valente Baptista, distinta no exame com 17 valores.

Estes prémios foram entregues aos alunos galardoados no final da sessão da abertura das aulas de 1950-1951, no dia 2 de Outubro de 1950.

4 — *Salas de estudo.* — Não houve.

5 — *Aprendizagens úteis, fora do plano dos estudos.* — Não houve.

6 — *Cantina* — A cantina foi dirigida pelo prof. auxiliar do 5.º grupo Amílcar Patrício, que teve como empregado auxiliar o contínuo Amadeu Estimado.

O número total de almoços fornecidos foi de 10.553 (9.424 pagos, 1.129 gratuitos).

A receita cobrada foi de Esc. 65.390\$42 e a despesa de 56.880\$40.

Saldo para 1950-1951 — 8.516\$02.

7 — *Sessões culturais:*

29-IV-950 — Sessão realizada no ginásio do Liceu, integrada na «Semana do Ultramar Português», presidida pelo reitor e secretariada pelo vice-reitor, prof. António Rocha, e pelo prof. auxiliar do 1.º grupo, Alfredo dos Santos, à qual assistiram, além de professores, os alunos dos 4.º, 5.º, 6.º e 7.º anos. Foi conferente o médico, antigo aluno do Liceu, Dr. Francisco Romão Machado, que falou sobre «*Alguns Aspectos da Colonização Portuguesa*». O conferente, depois de frisar o nosso génio colonizador, referiu-se em especial à obra das missões e à organização dos serviços clínicos nas nossas províncias ultramarinas; e, por fim, mostrou aos alunos o largo campo que o nosso Império Colonial poderia oferecer no futuro às suas actividades de Portugueses. (1)

(1) — Além da conferência, houve palestras sobre as nossas colónias, feitas nas aulas por professores: *Dia 27 de Abril* — 3.ª B — prof. Sa-

8 — *Cinema escolar.* — Não houve.

9 — *Visitas de estudo e excursões.* — As visitas e passeios de estudo deste ano foram:

a) — A' povoação de Eirol, na margem esquerda do Vouga, — dos alunos do 2.º ano, T. B, acompanhados pelo professor de C. Geográfico-Naturais Dr. Amílcar Patrício;

b) — Passeio da Mocidade Portuguesa Feminina, no dia 16 de Maio (feriado da cidade), com o itinerário Aveiro — Albergaria-a-Velha — Oliveira de Azeméis — Vale de Cambra — Senhora da Saúde — Roge — Azeméis — Caima — Pinheiro da Bemposta — Albergaria-a-Velha — Aveiro, — dirigido pelas professoras D. Amélia, D. Maria da Luz e D. Dorinda. Quase completamente prejudicado, por causa da chuva.

c) — Excursão de alunos do 4.º, 5.º, 6.º e 7.º anos, organizada pelo Centro Escolar n.º 2 da Mocidade Portuguesa, nos dias 14, 15 e 16 de Maio (feriado do concelho), e dirigida pelo director do Centro, prof. auxiliar do 1.º grupo Alfredo dos Santos, e pelo prof. efectivo do 5.º grupo Francisco de Assis Ferreira da Maia. A indicação do itinerário tácitamente nos mostra o fim recreativo, científico e patriótico do passeio, cujo relatório todos os excursionistas foram obrigados a apresentar, alguns ilustrados com fotografias. Na véspera, o prof. Assis Maia reuniu os alunos e fez-lhe uma prelecção sobre tudo quanto iam ver. Eis o itinerário: Aveiro — Coimbra — Conimbriga — Leiria — Marinha Grande — Nazaré — Alcobaça — Batalha — Fátima — Tomar — Castelo do Bode — Tomar — Coimbra — Aveiro.

10 — *Exposições escolares.* — No dia 10 de Junho de 1950, realizou-se, de tarde, a exposição de desenhos e trabalhos manuais dos alunos do 1.º ciclo; de desenhos dos alunos dos 2.º e 3.º ciclos; de mapas de alunos do 5.º ano; de preparações de Ciências Naturais de alunos do 5.º e 6.º ano, — tudo disposto na sala de Desenho pelos respectivos

raiva de Carvalho; Dia 28 — 1.º A e C — prof. Loureiro; 2.º B — prof. Patrício; 3.º C — prof. Serra. — Dia 29 — 1.º B — prof. Loureiro; 2.º A e C — prof. Patrício; 3.º A — prof. Saraiva de Carvalho.

professores. Noutra sala, foram expostos os trabalhos femininos de todas as alunas, sob a direcção da prof. de Lavouras D. Maria Barros Furtado.

11 — Comemorações e festas escolares :

a) — *Abertura das aulas.* — A abertura do ano lectivo realizou-se no ginásio do Liceu pelas 11 horas do dia 1 de Outubro, com a assistência dos professores em exercício, dos alunos e dos pais e encarregados da educação, além das autoridades militares e civis. Em lugar de honra, S. Ex.^a Rev.^{ma} o Sr. Arcebispo-Bispo de Aveiro, D. João Evangelista de Lima Vidal. Presidiu o reitor, secretariado pelo presidente da Câmara, Dr. Alvaro Sampaio, e pelo Sr. deputado Dr. Querubim do Vale Guimarães. — Aberta a sessão, o reitor, depois de cumprimentar a assistência e de saudar os alunos, fez o balanço do aproveitamento dos alunos no ano anterior; proclamou os nomes dos distintos e dos que receberam prémios, e chamou a atenção dos alunos e dos pais e encarregados para o cumprimento das suas obrigações.

Em seguida, o Sr. prof. Dr. Orlando de Oliveira, para quem o reitor teve palavras de louvor e de agradecimento, desenvolveu o tema que escolheu para oração de sapiência — "*O Ideal da Escola*" —, trabalho que integralmente se reproduz no *Apêndice* deste Anuário.

No final, foram distribuídos os prémios a alunos distintos de 1948-1949.

b) — *Récita dos alunos do 7.º ano.* — Realizou-se no ginásio do Liceu no dia 21 de Abril de 1950 e constou do seguinte: 1.^a parte — Representação da comédia de Gervásio Lobato *A Burguesa*, desempenhada por Saudade R. Martins (7.º ano) (*D. Leonor Gonçalves*), Ana Maria Dias Urbano (7.º ano) (*D. Mafalda Paivalvo*), Fernando Marques Ribeiro (7.º ano) (*Tadeu Gonçalves*), António Capão (6.º ano) (*Bernardino Paivalvo*) e Sérgio Reis da Costa (6.º ano) (*Um criado*). — 2.^a parte — *Variedades* (Danças, canções, bailados, monólogos, apoteose a Aveiro).

c) — *Festa da Mocidade Portuguesa Feminina*, no ginásio do Liceu, no dia 30 de Abril, à noite. *Programa*: I — Hino Nacional; II — Palavras de Abertura — por Árminda Saraiva (3.º ano); III — Números orfeónicos (*Panis angelicus*, *Olha a Rosinha*, *Laura*, *Carvoeiras*, *Hino da Mocidade Portuguesa*

Feminina); IV — *A Raposa e as Uvas*, um acto, desempenhado por Maria do Amparo Carvalho (2.º ano), Amália Gil (4.º ano), Zulmira Cristo (2.º ano) e Maria Manuela Barreto (1.º ano); V — *Chula* — bailado por alunas do 3.º ano; VI — *Metete medo* — poesia por Maria do Amparo Carvalho; VII — *Tia Anica* — bailado por alunas do 4.º e 5.º ano; VIII — *Vida na aldeia* — poesia por Eduarda Estudante (1.º ano); IX — *Vira da Nazaré* — bailado por alunas do 2.º ano; X — *Cabra Cega* — poesia por Maria do Amparo Carvalho; XI — *Tirolesa* — bailado por alunas do 5.º ano; XII — *Rêverie* — bailado por Amália Gil (4.º ano); XIII — *Rosas* — peça em um acto, de D. Virgínia Gersão, por Margarida Martins (5.º ano) (*Rainha Santa*), Maria Teresa Coutinho (5.º ano) (*D. Dinis*), Maria Manuela Barreto (1.º ano) (*O Pobre*), Marinete Pires (4.º ano) (*A Pobre*), Maria de Lurdes Mamede (5.º ano) (*Trovador*). (1)

d) — *Comemoração camoniana*. — Na impossibilidade de no ginásio do Liceu se imprimir à comemoração o luzimento que a reitoria e a direcção do Centro Escolar da M. Portuguesa lhe quizeram dar, foi organizado um **Sarau camoniano**, no Teatro Aveirense, contíguo ao Liceu, em a noite de 12 de Junho, oferecido às Autoridades e à cidade. **Primeira parte** — Sessão presidida pelo Governador Civil substituto (Dr. António Marques) e secretariada pelo Comandante Militar (Cor. Grilo), Presidente da Câmara (Dr. Alvaro Sampaio), Presidente Distrital da União Nacional (Cor. Gaspar Ferreira) e Subdelegado Regional da Mocidade Portuguesa (Dr. Rocha), constante do seguinte: Palavras do Reitor; números de canto pelo orfeão do Liceu, disposto ao fundo do palco, defronte de um pano onde se via a reprodução do retrato do Poeta, feito por Malhoa; recitações por alunos e alunas de poesias de poetas estrangeiros alusivas a Camões, e das versões da proposição de *Os Lusitadas* (1.ª estrofe) em francês, inglês, alemão e latim; conferência do professor Alfredo dos Santos sobre — «*O Carácter Misto dos Autos Camonianos*» —, que vai reproduzido no *Apêndice* deste Anuário. — **Segunda parte** — Representação da comédia de Camões — *El-Rei Seleuco*, com a seguinte distribuição: **Prólogo** —

(1) — Esta festa, com excepção do número V, foi repetida aos pobres do Albergue Distrital, às 16 horas do dia 3 de Maio. Durante o intervalo, foi servido aos 63 pobres do Albergue um lanchê, e a cada um foi dada uma «caixa-surpresa».

Mordomo — António Augusto de Oliv. Pinto (7.º ano); *Lançarote* — Manuel Carlos Oliv. da Graça (6.º ano); *Martim Chinchorro* — Manuel Pedro R. Coelho (7.º ano); *Romão Alvarenga* — Luís Armando Cester da Costa (5.º ano). *Comédia* — *Seleuco* — António Tavares Capão (6.º ano); *Estratonica* — Maria Armanda Saraiva (3.º ano); *Frolalta* — Amália Maria Santos Gil (4.º ano); *Antíoco* — Maria Manuela Barata (5.º ano); *Leocádio* — Ilda dos Santos Neves (3.º ano); *Físico* — Manuel González de Queirós (7.º ano); *Porteiro* — Patrício Bismarque F. do Agro (6.º ano); *Moça* — Maria Fernanda Cerqueira (4.º ano); *Alexandre da Fonseca* — António Lona Peres (7.º ano); *Músicos e Cortesãos* — alunos do 5.º ano. (1)

12 — *Participações em comemorações e em festas educativas.* — Nas cerimónias da comemoração do 1.º de Dezembro, da iniciativa do Director do Centro da Mocidade Portuguesa.

13 — *Jogos escolares.* — Constam do n.º 15 deste capítulo.

14 — *Outras actividades de carácter circum-escolar, realizadas no Liceu ou com a sua participação.* — Nenhumas.

15 — *Mocidade Portuguesa.* — Foi director do Centro n.º 2 da Mocidade Portuguesa o professor auxiliar do 1.º grupo Alfredo Antunes dos Santos.

A receita foi de Esc. 21.472\$09, e a despesa de Esc. 20.344\$10. Saldo para o ano de 1950-1951 — 1.127\$99.

A obra de solidariedade constou de: almoços — Esc. 5.645\$00; propinas — 1.350\$00; sessões culturais — 166\$50; desportos — 1.830\$00; excursões — 8.238\$30.

(1) — No «*Correio do Vouga*» de 17 de Junho de 1950, S. Ex.ª Reverendíssima D. João Evangelista de Lima Vidal, venerando Bispo de Aveiro, que assistiu ao sarau, a ele se referia afirmando que havia sido uma «destas festas que imprimem carácter e marcam posição de relevo no quadro pela sua profundidade educativa, cultural, científica, e ainda mais pelo ar de simpatia que as envolve e perfuma, pela sua juvenil e encantadora elegância». Dando a notícia da festa, o mesmo jornal fechava assim as suas considerações: «O *Correio do Vouga*» felicita gostosamente os professores e alunos do Liceu de Aveiro pelo êxito brilhante deste Sarau Camoniano».

A já tradicional comemoração do 1.º de Dezembro fez-se com o seguinte programa: A's 10 horas, missa na igreja da Misericórdia pela canonização do Beato Nuno de Santa Maria; às 11 horas, sessão solene no ginásio do Liceu, presidida pelo Reitor e secretariada pelo representante de S. Ex.^a Rev.^{ma} o Bispo de Aveiro e pelo Comandante Militar (Cor. João Tavares). Ordem da sessão: I — Orfeão Menor; II — Leitura do compromisso de honra dos novos filiados; III — Alocução patriótica do Director do Centro; IV — Hino da Mocidade Portuguesa — pelo orfeão menor; V — Recitativos: *Pátria*, de J. Duarte Simão, por Ulisses Pereira (6.º ano); leitura de um passo da «Filipa de Vilhena», de Garrett, por Ana Maria Dias Urbano (7.º ano); recitação de um trecho da peça *Aljubarrota*, de Rui Chianca, pelo aluno Patrício Bismarque F. de Agro (6.º ano); VI — Distribuição de prémios oferecidos pelo Centro aos filiados mais dedicados à Organização, de escudetes e medalhas desportivas, do torneio literário «Chama de Maio», concedidos pelo Comissariado Nacional; VII — Imposição das divisas aos chefes de quina que tiveram aproveitamento na respectiva escola; VIII — Orfeão menor.

A's 15 horas, início da tarde desportiva com jogos de basquete e vôlei, em que foram disputadas duas taças — «Restauração» e «Nun Alvares» — entre filiados do Liceu e o grupo do Leça Clube, ambas oferecidas pelo Centro.

Outras actividades:

1 — Excursão de filiados do 4.º, 5.º, 6.º e 7.º, da qual se deu conta no n.º 9 deste capítulo;

2 — Pela primeira vez, o Centro patrocinou a publicação de um «jornal de parede», «*O Arauto*», redigido e ilustrado por alunos do 7.º ano, e de que saíram três números, um em 16 de Novembro de 1949, outro em 3, outro em 23 de Dezembro;

3 — Intervenção na récita do dia 12 de Junho de 1950;

4 — Criação de uma escola de chefes de Quina;

5 — O Centro realizou a *Quinzena de Educação Física*, com:

1.º — Duas palestras, uma do médico escolar, sobre «Educação Física e a Saúde Escolar», presidida pelo Reitor; outra do prof. de Educação Física sobre «Os Desportos e a Educação Moral», presidida pelo Director do Centro;

2.º — Um pequeno artigo do chefe da Secção Cultural, publicado no «Correio do Vouga», sobre «O Desporto encarado na Mocidade Portuguesa».

3.º — Uma classe especializada de ginástica e saltos, jogos de futebol, de vôlei e básquete no campo de «Mário Duarte», para encerramento da Quinzena.

6 — Nas actividades desportivas, o Centro classificou-se em primeiro lugar nos campeonatos regionais da Mocidade Portuguesa em vôlei, futebol e básquete, em todos os escalões. Realizou treinos amigáveis com o Seminário, Galitos e Jec. Foi notável a actividade de alguns filiados no centro de hipismo.

Mocidade Portuguesa Feminina — Dirigiu o Centro a professora efectiva do 9.º grupo D. Maria Aurélia de Andrade de Almeida e foi sua adjunta a professora D. Dorinda Agualusa.

A receita do Centro foi de Esc. 11.945\$90 e a despesa de Esc. 9.268\$60. Saldo para o ano de 1950-1951 — Esc. 2.727\$30.

A obra de solidariedade constou de: almocós — Esc. 1.475\$00; propinas — 1.460\$00; excursões — 2.325\$00.

Além da festa mencionada na alínea c) do n.º 11 das «Obras circum-escolares», há a registar a festa comemorativa do «Dia da Mãe», no dia 8 de Dezembro de 1949, cujo programa foi o seguinte: *A's 9 horas*, na igreja da Misericórdia, missa celebrada por S. Ex.ª Reverendíssima o Sr. Arcebispo-Bispo de Aveiro, com comunhão geral das filia-das e sua consagração a Nossa Senhora; *às 15 horas*, no ginásio do Liceu, récita por filia-das do Centrô n.º 1, seguida de exposição de berços: I — Hino da Mocidade Portuguesa Feminina; II — Palavras de abertura — por Maria Júlia de Eça Soares; III — A «Estrela do Oriente» — por Maria do Amparo Carvalho; IV — *Criança que pede* — pela mesma; V — «*Os anos da Avòzinha*» — peça em 1 acto, pelas filia-das Maria Judite Barreto Rosete (*Avó*), Maria Filomena Oliveira (*Necas*) e Maria Manuela Tavares Barreto (*Chico*); VI — «Terceira palavra» — por Maria Teresa Amaral Coutinho; VII — Fandango (dança), por alunas do 4.º ano; VIII — Distribuição de prémios às filia-das; IX — Leilão de um brinquedo, a favor dos pobres, por Maria Susana Branco Pinto; X — Quadro vivo — «*Cena do Natal*» e distribuição de géneros aos pobres, pelas filia-das Maria

Manuela Amaral (*N. Senhora*), Maria Teresa Coutinho (*S. José*), Nicole Mommens (*Anjo*), Adalcina Silva (*Anjo*), Maria Eduarda Silva (*Anjo*), Pastores e Camponesas.

16 — *Cooperação com o Liceu* — A «Sociedade dos Antigos Alunos do Liceu de Aveiro», manteve a sua cooperação com o Liceu.

F — Higiene e Saúde Escolar

Prestou serviço o médico escolar Adérito Jaime Mendes Madeira.

Doenças infecto-contagiosas verificadas:

Gripe	26
Febre tifóide	2
Trasorelho	28
Varicela	11
Primo-infecção tuberculose	1
	<u>68</u>

Dias perdidos por alunos com parte de doente — 1.028.

Número de consultas — 856.

Número de tratamentos — 989.

G — Administração Escolar

O Conselho Administrativo de 1949 foi assim constituído: António Fernando Marques da Rocha, vice-reitor; Francisco de Assis Ferreira da Maia, Tesoureiro; e José Carneiro da Silva, director de ciclo.

O débito e o crédito foram os seguintes:

a) — Débito:

Saldo da gerência anterior:

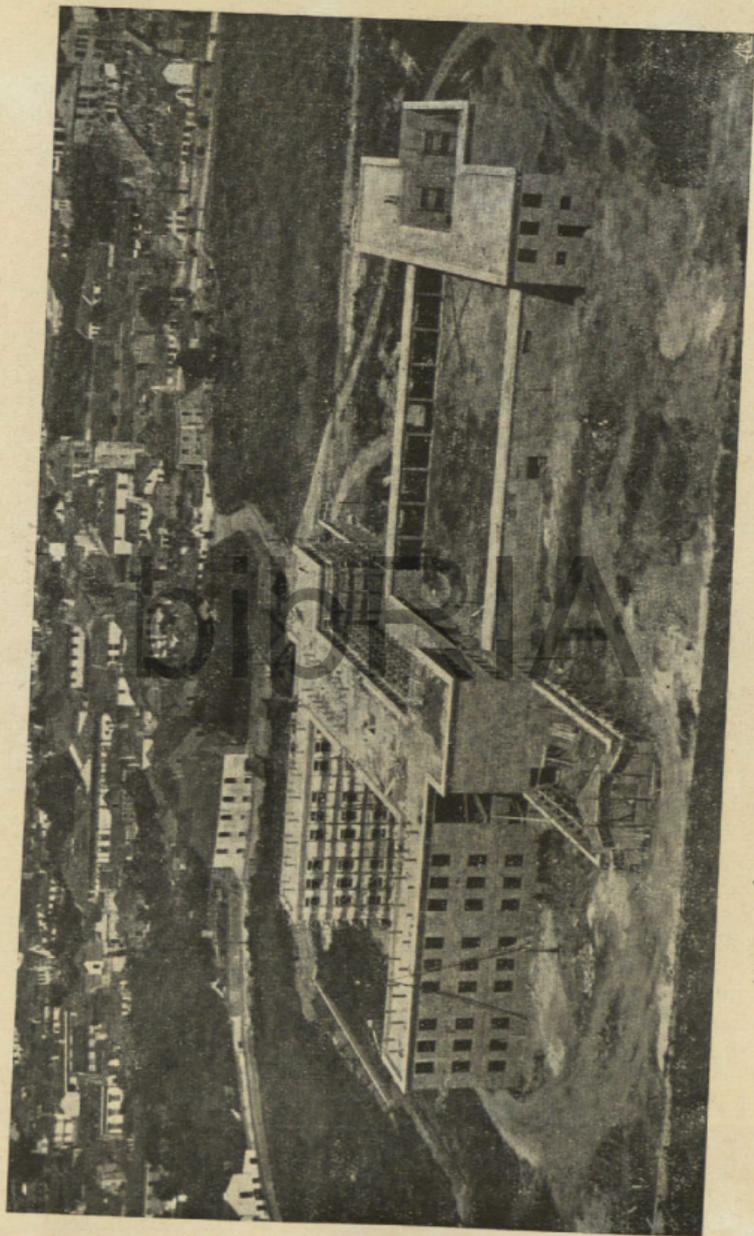
de dotações orçamentais	337\$42	
de descontos em venc. e salários	35\$80	373\$22

Dotações do Orçamento Geral do Estado:

Para pessoal	1.201.083\$20	
» material	20.716\$30	
» pag. de serv. e div. encargos	37.268\$00	1.259.068\$50

Import. recebidas para entrega ao Estado e outras entidades:

Receitas próprias	112\$56	
Descontos em venc. e salários	65.654\$00	
Receitas do Estado	390.415\$00	
Outras importâncias	835\$40	427.016\$96
Total		1.686.458\$68



VISTA AÉREA DO NOVO LICEU, TIRADA EM JUNHO DE 1950

LICEU NACIONAL DE AVEIRO

1949 - 1950

I — Quadro da frequência do 1.º e 2.º ciclo

ANOS	Alunos matriculados			Transferências		Anulações de matrícula		Perdas de ano					Rendimento				
	No próprio Liceu	Por transferências de outros liceus	Totais	Para outros Liceus	Para o ensino particular e doméstico	Reque-	Não re-	Por faltas	Por comportamento	Por falta de média		Por falta a exame ou reprovação		Passagens por média		Aprovações em exame	
						ridas	queridas			Todas as disciplinas	Todas as disciplinas	Todas as disciplinas	Algumas disciplinas	Todas as disciplinas	Algumas disciplinas	Todas as disciplinas	Algumas disciplinas
	(a)	(a)	(a)	(a)	(a)	(a)	(a)	(a)	(a)	(a)	(a)	(a)	(a)	(a)	(a)	(a)	
Ano 1.º	74	2	76	2	—	—	1	—	—	7	—	—	—	53	13	—	—
Ano 2.º	88	—	88	2	2	—	2	1	—	8	—	11	—	—	—	62	—
Total	162	2	164	4	2	—	3	1	—	15	—	11	—	53	13	62	—
Ano 3.º	96	1	97	1	1	—	2	—	—	5	—	—	—	63	25	—	—
Ano 4.º	66	—	66	3	1	—	—	1	—	3	—	—	—	32	26	—	—
Ano 5.º	57	1	58	1	3	1	—	1	—	6	—	9	—	—	—	37	—
Total	219	2	221	5	5	1	2	2	—	14	—	9	—	95	51	37	—

a) Alunos que transitaram com deficiência numa disciplina.

II — Frequência do 3.º ciclo por cursos, nos termos das alíneas do art.º 5.º
do decreto 36.507, de 17/9/47 — 6.º ANO

Alíneas	Disciplinas	Matrículas		Transferências		Anulações de matrículas		Perdas do ano			Rendimento		
		No próprio liceu	Por transferência de outros liceus	Totais	Para outras liceus	Particular ou doméstico	Requeridas	Não requeridas	Por faltas	Por compontamentos	Por falta a exame ou reprovação	Passagem por média	Aprovações em exame
a)	Português	4		4								4	100 o/o
	Latim	4		4								4	100 o/o
	Grego	4		4								4	100 o/o
	Filosofia	4		4								4	100 o/o
	Organização	4		4								4	100 o/o
b)	Português	1		1								1	100 o/o
	Latim	1		1								1	100 o/o
	Ingês	1		1					1			1	100 o/o
	Alemão	1		1								1	100 o/o
	Filosofia	1		1								1	100 o/o
d)	Português	1		1								1	100 o/o
	Latim	1		1								1	100 o/o
	Grego	1		1								1	100 o/o
	História	1		1						1		1	100 o/o
	Filosofia	1		1								1	100 o/o
e)	Português	2		2								2	100 o/o
	Latim	2		2								2	100 o/o
	Alemão	2		2								2	100 o/o
	História	2		2								2	100 o/o
	Filosofia	2		2								2	100 o/o
f)	Ciências Naturais	30		32								18	56,2 o/o
	Ciênc. F. Químicas	30		32			4			10		20	62,5 o/o
	Matemática	30		31			4			11		17	53,1 o/o
	Desenho	29		32			3			1		24	74,1 o/o
	Filosofia	29		31			3			2		25	80,6 o/o
Organização	28		30			3					27	90 o/o	
g)	Ingês	2		2								1	100 o/o
	História	2		2								1	100 o/o
	Geografia	2		2								1	100 o/o
	Matemática	2		2								1	100 o/o
	Filosofia	2		2								1	100 o/o
Organização	2		2								1	100 o/o	

LICEU NACIONAL DE AVEIRO

1949-1950

II — Frequência do 3.º ciclo por cursos, nos termos das alíneas do art.º 5.º do decreto 36.507, de 17/9/47 — 7.º ANO —

Alíneas	Matriculadas			Transferências			Anulações de matrículas			Perdas do ano			Rendimento		
	No próprio liceu	Por transferência de outros liceus	Totais	Para outros liceus	Para o ensino particular ou doméstico	Requeridas	Não requeridas	Por faltas	Por composição	Por falta de média	Por falta a exame ou reprobção	Passagem por média	Aprovações em exame	Porcentagens	
a)	Português	2	2	2									2	100 0/0	
	Latim	2	2	2									2	100 0/0	
	Grego	2	2	2									2	100 0/0	
	Francês	2	2	2									2	100 0/0	
	Filosofia	2	2	2									2	100 0/0	
	Organização	2	2	2									2	100 0/0	
b)	Português	2	2	2											
	Latim	2	2	2											
	Grego	2	2	2											
	História	2	2	2											
	Filosofia	2	2	2											
	Organização	2	2	2											
c)	Português	1	1	1									1	100 0/0	
	Latim	1	1	1									1	100 0/0	
	Alemão	1	1	1									1	100 0/0	
	História	1	1	1									1	100 0/0	
	Filosofia	1	1	1									1	100 0/0	
	Organização	1	1	1									1	100 0/0	
f)	Ciências Naturais	20		20							1		18	90 0/0	
	Ciênc. F. Químicas	19		19									18	94,7 0/0	
	Matemática	16		16			3						11	68,7 0/0	
	Desenho	23		23							2		20	86,9 0/0	
	Filosofia	23		23						1			20	86,9 0/0	
	Organização	23		23							1		21	91,3 0/0	
g)	Inglês	1		1									1	100 0/0	
	História	1		1									1	100 0/0	
	Geografia	1		1									1	100 0/0	
	Matemática	1		1									1	100 0/0	
	Filosofia	1		1									1	100 0/0	
	Organização	1		1									1	100 0/0	
h)	História	3		3									3	100 0/0	
	Físico-Químicas	3		3									3	100 0/0	
	Matemática	1		1									1	100 0/0	
	Desenho	3		3									3	100 0/0	
	Filosofia	3		3									2	66,6 0/0	
	Organização	3		3						1			3	100 0/0	

III. Quadro A — 1.º e 2.º ciclos

	Matriculas			Transferências		Anulações de matriculas		Perdas do ano				Rendimento		
	No próprio liceu	Por transferências para outras	Totais	Para outros liceus	Para o ensino secundário ou doméstico	Requeridas	Não requeridas	Por faltas	Por comportamento	Por falta de média	Por falta de aproveitamento ou reprovação	Passagem por média	Aprovações em exame	Porcentagem
Ano 1.º	74	2	76	2	—	—	1	—	—	7	—	66	—	86,8
Ano 2.º	88	—	88	2	2	—	2	1	—	8	11	—	62	70,4
Ano 3.º	96	1	97	1	1	—	2	—	—	5	—	88	—	90,7
Ano 4.º	66	—	66	3	1	—	—	1	—	3	—	58	—	87,8
Ano 5.º	57	1	58	1	3	1	—	1	—	6	9	—	37	63,7
Totais	331	4	385	9	7	1	5	3	—	29	20	212	99	

III. Quadro B — alunos que concluíram cada ciclo ou secção, no 3.º ciclo

a) Classificação por valores

	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	Totais
Ciclo 1.º	22	43	32	18	4	8	1	—	—	—	—	128
Ciclo 2.º	37	68	33	27	4	6	2	1	—	—	—	183
Ciclo 3.º	3	11	6	6	4	6	3	1	—	—	—	40
	62	122	76	51	12	20	6	2	—	—	—	351

b) Alunos que em todas as disciplinas de cada ano tiveram passagem de ano ou aprovação em exame

	1.º ano	2.º ano	3.º ano	4.º ano	5.º ano	6.º ano	7.º ano	Totais
Ciclo 1.º	66	62	—	—	—	—	—	128
Ciclo 2.º	—	—	88	58	37	—	—	183
Ciclo 3.º	—	—	—	—	—	21	19	40
	66	62	88	58	37	21	19	351

Apêndice

Trabalhos de professores

I

O Ideal da Escola, pelo professor efectivo do 6.º grupo Orlando de Oliveira. (1)

Ex.^{mo} Sr. Reitor :

bibRIA

Quis V. Ex.^a honrar-me, solicitando a minha colaboração para esta sessão de abertura dum novo ano lectivo.

Quando se tem a boa estrela de trabalhar numa Casa, num Liceu, onde há um Reitor que o sabe ser, nunca o trabalho é pesado e nunca os professores conseguem balbuciar uma recusa. Pode lamentar-se, como no caso presente, o não haver forças bastantes para conseguir fazer obra de tomo; mas, como nada se pode recusar a quem tão nobremente dirige, a lamentação tem que pôr-se de parte, e o sagrado dever da obediência domina tudo o mais.

Perdoe V. Ex.^a a modéstia da minha ajuda neste capítulo; não sei melhor, porque, se o soubesse, esse melhor estaria inteiramente ao dispor de V. Ex.^a, até mesmo como homenagem pública da minha admiração, consideração e respeito.

V. Ex.^a, além de tratar os seus professores com o melhor respeito pela sua personalidade, o que a todos cativa e obriga, tem sempre a bondade como norma geral da sua conduta.

E' para essa bondade que eu apelo mais uma vez; é nela que confio e espero para as palavras que vou proferir.

(1) — Oração de sapiência, pronunciada na sessão de abertura das aulas, em 1 de Outubro de 1949.

Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr.

A todo o homem que tenha ultrapassado a idade dos sonhos dos 18 anos e que não seja faccioso nem tenha demasiado orgulho das suas opiniões, a própria vida se encarregou de ensinar que no homem há diferentes valores que norteiam a sua vida: os valores materiais e os valores espirituais.

Ainda que nem sempre se diga, todos reconhecem a existência desses valores; mas, ou por cegueira ou por orgulho, o que muitos fazem é inverter a hierarquia, o valor desses valores. Estamos numa Casa onde se lida com a juventude, onde se pretende abrir a estrada que os nossos rapazes e raparigas deverão trilhar na vida e atrevo-me a afirmar que seria uma heresia o afirmar-se neste lugar e neste momento qualquer pretensa supremacia dos valores da matéria.

Não: acima de tudo e antes de tudo, embora eu nas minhas aulas de zoologia esteja constantemente a pôr perante os olhos dos alunos o homem considerado como animal, o homem é mais do que isso na vida, o homem é essencialmente movido e animado pelo espiritual.

E tenho, portanto, como dever indeclinável o de saudar a V. Ex.^a como o mais digno Representante e legítimo defensor desses valores espirituais, sem os quais o homem seria ainda mais cruel e afinal... desumano, porque deixaria de ser «homem».

Julgo, pois, que V. Ex.^a Rev.^{ma} tem direito, pleno direito, a assento destacado nesta Casa, e a Reforma do ex-Ministro Carneiro Pacheco teve o condão de assim o reconhecer, dando direitos de legalidade àquilo que as consciências de muitos desejavam e sentiam como complemento indispensável ao que se fazia nos campos do ensino científico.

E por isso mesmo, é para mim um dever saudar V. Ex.^a.

Cumpro-o gostosamente, considerando-o como uma honra.

Ex.^{mas} Autoridades Cívicas e Militares, minhas senhoras, meus senhores, alunas e alunos, colegas:

Ao receber a incumbência que me foi dada, pensei em vir trazer-Vos para aqui alguns dos assuntos modernos da biologia a que habitualmente me dedico, e que tanto me encantam e deleitam, tal a sedução, a magia dessa maravilhosa e suprema obra da natureza: a vida.

Ser-me-ia relativamente fácil, visto eu passar tantas horas por ano a conversar sobre tais maravilhas com os meus alunos.

Mas, quando há cerca de dois meses eu fazia os exames do 5.^o ano, houve Colegas que me informaram de que gostavam seriamente da biologia, mas abominavam a linguagem técnica, mais ou menos arresada, usada pelos biólogos.

Ora, como essa mesma linguagem seria indispensável para eu me

exprimir, concluí que viria maçar-vos, se persistisse no meu pensamento.

Meditai, e por um mecanismo associativo, foram surgindo temas: da biologia passei a pensar no homem e, adentro da actividade humana, impunham-se algumas considerações sobre o escolar, o estudante como habitualmente lhe chamamos.

Assim surgiu, portanto, o «Ideal da Escola».

Assim se justifica o meu tema e deverei começar por definir o «meu» «ideal». Concedendo, na escala dos valores, como já informei, a supremacia ao espiritual, o homem que eu entendo como desejável é o chamado «homem bom».

Esta expressão tem andado desde há muito, até mesmo pelos textos legais de certos sectores da administração pública. Mas que é um «homem bom»?

Dentro de nós, há um conceito de «bondade» geral e universalmente aceite, mas que, em meu entender, nem sempre está no devido lugar.

O facto de aceitarmos este ou aquele conceito depende do nosso temperamento, da nossa educação, em suma, do nosso ambiente. Entre o homem e o seu ambiente, há relações e acções que mutuamente se exercem e interferem. O homem, em parte, é produto do seu ambiente, mas o ambiente também determina sobre o mesmo homem um grande número das suas reacções que pouco a pouco vão caminhando no sentido do automatismo e vão formando, plasmando aquilo que se chama a personalidade do próprio homem.

Vejamus concretamente: quando António Ferro há anos assumiu a direcção da Emissora Nacional, afirmou que podíamos pôr dois problemas naquela conjuntura. Ele e todos os que trabalhavam naquela Estação tinham o desejo de agradar ao maior número possível de ouvintes, mas podiam seguir duas linhas de pensamento:

1.^a — trabalhar segundo o gosto que então os ouvintes manifestassem mais frequentemente, intensificar esse mesmo gosto, mas sem pretensões a melhorá-lo; ou

2.^a — tentar pouco a pouco melhorar esse gosto dos ouvintes em qualidade, obrigando-os, insensivelmente, a preferirem aquilo que os cânones clássicos consideram melhor, isto é, levando-os pouco a pouco a preferirem a Serenata de Schubert a um fado da Amália, com ou sem acompanhamento pelo Alfredo Marceneiro.

Quer dizer: António Ferro também talhou o ideal para os alunos da sua Escola; o que eu não sei é se as normas da pedagogia aplicada ao caso, por ele ou pelos seus colaboradores, surtiu ou está a surtir, em desenvolvimento escalonado, os desejados efeitos. Ele também quis ou quer formar o seu «homem bom», e julga assim aquele que prefere a espiritualidade de Gounod ou o poder descritivo dum Albeniz, à sensualidade e infelicidade amorosa do «bas fond» e das alforjas, mais ou menos rendilhadas,

Outro caso: nos nossos hábitos existe, enquanto se é jovem, o de obedecer àquilo que se denomina «solidariedade académica» e, acobertados por isso, os alunos julgam se no direito de praticar determinados actos, como por exemplo o de «copiar» o ponto escrito do vizinho do lado, ou até mesmo o de assaltar o cofre onde se guardam os pontos de exame. E, de tal maneira a «solidariedade académica» é poderosa, que até mesmo os juizes circunspectos e serenos dos tribunais, ao julgarem casos destes, dão um estalido com a língua, sorriem-se complacentes e rotulam: «rapaziadas»!

A opor, contou-me uma vez oralmente o Dr. Riley da Motta, ex-Director Geral do Ensino Lical, a seguinte episódio do seu conhecimento directo:

Foi para Inglaterra estudar, um rapaz português, inteligente e perspicaz e, na Escola que foi frequentar, rapidamente arranjou um amigo em cada condiscípulo, pelas suas qualidades de lealdade e cortesia. Um dia, chegou o momento de se realizar um exercício escrito, o professor forneceu o tema, sentou-se e começou a ler um jornal, enquanto os alunos se deslindavam, o melhor que sabiam e podiam, do seu dever de escolares. O nosso jovem patricio, que não tivera o cuidado de se habilitar convenientemente, abriu o livro respectivo e copiou habilmente o que interessava. A sua classificação foi boa, claro está, mas os condiscípulos, quando ele se abeirava para simples conversa ou para pedir um lápis ou papel, fugiam-lhe todos, deixando-o desolado.

Até que um deles, mais amigo talvez e mais compreensivo certamente, lhe explicou que os companheiros tinham resolvido pô-lo à margem, porque consideravam a sua atitude de copiar como um roubo que ele lhes fizera: roubara-os, porque, sabendo menos, queria classificações tão boas ou melhores; roubara-os, porque, sem trabalho, pretendia amesquinhar o que a eles tanto custara.

Foi dura a lição, mas eficaz. E o nosso rapaz fez-se um estudante distinto por mérito próprio, sem expedientes nem subterfúgios, agradecendo mais tarde aos seus companheiros o bem que lhe haviam feito, porque ele, com a lição recebida, tornara-se um homem conhecedor e competente no seu mister, o que não teria acontecido doutro modo.

A título de «moralidade» da ocorrência, pode perguntar-se: se no nosso liceu um aluno copia e tudo é complacente em sua volta; se numa Escola longínqua se passou este caso, qual dos dois rapazes terá mais probabilidades de vir a ser um «homem bom»?

Outro caso: quando se aproxima a época dos exames ou a das «notas» de aproveitamento, os alunos fracos e as suas famílias procuram os professores, desencantam toda a lista dos seus parentes e amigos mais íntimos, e vão sempre à procura daquilo que se chama a «idónea», para convencer o professor a dar a aprovação. Ninguém nunca pensou que o professor pode ser e é quase sempre «bom», no sentido elevado da palavra; nunca ninguém se lembrou de que ele não reprova por prazer; nunca

ninguém se lembrou de que ele tem uma consciência que lhe impõe deveres de rectidão e de justiça; nunca ninguém se lembrou de que aquele que lhe pede uma aprovação está a desconfiar desse seu espírito de justiça, porque, ou pensa que o professor seria capaz de reprovar o aluno que o não merecesse, ou seria capaz de aprovar o que não trabalhou e o não merece; nunca ninguém se lembrou, em suma, de que o aluno merece um prémio pelas suas boas qualidades, como merece um castigo pelos seus defeitos!

Deixai-me lembrar que não está certo que sempre se deixem os alunos e os professores abandonados, entregues ao seu trabalho próprio, e só no fim dos períodos se abordem, não para remediar qualquer deslize havido e que já nessa altura não tem remédio, mas para pedir, afinal... uma injustiça.

Pense-se um instante e veja-se: havendo dois alunos, um pobre e humilde, vivendo com dificuldades, canseiras e trabalhos, mas sério e trabalhando honestamente, e outro cujos pais são ricos ou remediados, podendo proporcionar-lhe certo conforto e bem-estar, que foge ao trabalho e acredita mais nas influências paternas do que no esforço próprio a que não está habituado (e este quadro é frequente, é mesmo banal), com que direito é que o pai do segundo vai pedir igualdade de situação entre o seu filho e aquêloutro, humilde, mas sério e trabalhador?

Qual das atitudes será a mais consentânea com o nosso ideal — a formação futura de um «homem bom»? Se o professor cedesse às pressões, que por vezes são fortes, e violentas até, que juízo ficaria a fazer o estudante bom do espírito de justiça dos seus professores, cujas atitudes ele perscruta insistente e persistentemente, com desejo de ajuizar e até de imitar, se vê que esta ou aquela norma lhe agrada, e que este ou aquele professor é mais credor da sua simpatia?

Este aspecto de solicitar benefícios imerecidos está mais ou menos enraizado entre nós, mas abusa-se dele, mais numas regiões do que noutras; e Aveiro, entre as latitudes que conheço, ocupa o primeiro lugar no meu espírito, por ser aquela onde se esforçam mais para que os professores sejam injustos e dêem a alguns alunos aquilo que eles não merecem. Deixai trabalhar sossegadamente os professores dos vossos filhos, deixai tranquila a sua consciência, para que o respectivo exame seja o mais perfeito que humanamente é possível. Eles, os professores, são homens, podem errar e erram com certeza; mas esses erros serão sempre para o lado da benevolência e nunca para o do excessivo rigor.

Finalmente, outro caso ainda: está muito em moda, e constitui um dos grandes males da nossa época, o uso e abuso do «repetidor». O aluno esteve na aula, ouviu o professor apresentar um assunto novo e toma uma de duas atitudes: ou presta ou não presta atenção. Se ele souber antecipadamente que só o seu trabalho pessoal o poderá elevar e valorizar, procurará ouvir e entender o que o professor ensina e, caso o não entenda, abeira-se do professor, que nunca lhe negará o esclarecimento

da dúvida surgida; mas, ao contrário, se o aluno sabe que à tarde vai para o repetidor, e este, como a designação indica, «repete» o que o professor já disse, então está nas aulas sem atenção, porque... não vale a pena maçar-se. Mas, ainda neste último caso, também não presta grande atenção ao repetidor, porque sabe que no dia seguinte, na aula, o professor conversa com ele ou com outro condiscípulo sobre o mesma matéria e então, diz ou pensa ele, aprenderá! Afinal, o repetidor torna-se nefasto, em vez de benéfico.

O problema anda deslocado, e só assim se explica que constantemente se ouça um pai a dizer mal dum professor, porque não deu média ao filho, quando... «até o repetidor afirmou que esse seu filho sabia muito»!

Que saudades se sentem daqueles tempos em que só os alunos considerados «estúpidos» iam para o repetidor, às escondidas e cosidos com as paredes, para que nem as calçadas sonhassem com essa ida, que era, afinal, o índice social de inteligência frouxa!

Hoje, que triste espectáculo se nos depara, quando, à tarde, depois dum dia que devia ser de actividade intelectual, mas que verdadeiramente foi de passividade e adormecimento mental, se encontram nas ruas da cidade os nossos alunos em bandos, com as pastas repletas, saindo ou entrando nas casas dos seus repetidores! Triste sorte a destes alunos que andam a correr de porta em porta, à procura de que outrem lhes faça aquilo de que só eles deviam orgulhar-se, aquilo que devia ser trabalho seu e muito seu! Desapareceu do rosto destas crianças a viva alegria dos olhos, que só tem e sente aquele que venceu. Mas para vencer é preciso lutar, e é nesse ponto que reside a falha da norma educacional seguida hoje pelos pais: se eles pretendem limpar completamente a estrada que os filhos hão-de percorrer, estes caminham sempre bem, a direito, e não sabem levantar o pé quando pela frente lhes aparece uma pequena pedra mais elevada que o leito da estrada; se os forem deixando na estrada pouco lisa e com covas, *como é afinal a estrada da vida*, eles habitam-se e levantar os pés logo que deram a primeira topada, e o sangue que saltou dessa ferida foi a indicação mais preciosa que os ensinou a evitar futuramente aquilo que tanto lhes doeu e atormentou.

Quer dizer: se a estrada for lisa, não há luta; não havendo luta, não pode haver vencedor; e é assim que nós próprios começamos logo de início a negar a existência de iniciativa própria, de capacidade criadora, e do uso da responsabilidade fecunda e nobre àqueles a quem tanto queremos e amamos: aos nossos filhos. Quer dizer: a nossa dedicação não é sã, é piegas e lamecha, quando sabemos bem que só os homens fortes e expeditos, física e intelectualmente, serão capazes de «vencer». E, certamente, se interrogarmos a nossa consciência e lhe perguntarmos o que prefere e a que é que ela chama «homem bom», ela dir-nos-á sem dúvida que o «homem bom» que queríamos é aquele que é sã, que é forte, que sabe vencer, não para se vingar do outro homem, seu irmão

moralmente, mas para lhe ensinar o caminho, se viu que ele o perdeu e se tem confiança na sua pessoa e no seu trabalho pessoal.

Dir-me-ão que há alunos inadaptáveis à vida normalmente seguida num liceu, e que, para esses, é preciso um repetidor ! Não penso assim : há, de facto, alunos desses ; mas então, se um aluno, pelo seu temperamento próprio é inadaptável ao ambiente do liceu, procure-se-lhe outro ambiente de acordo com as suas exigências, e entregue-se confiadamente a esse ambiente e aguarde-se a realização dos resultados que se lhe pedem. Ninguém discorda de que, se os homens são diferentes uns dos outros, é lógico e natural que deva haver Escolas com possibilidades diferentes de ambientes e processos. Mas o que não está certo é que o aluno frequente simultaneamente dois estabelecimentos, indo a um como aperitivo e a outro como prato forte, e ficando no fim com fome no espírito e, pior ainda que a fome, com aleijões e deformidades mentais de que nunca poderá ressarcir-se.

Só a título excepcional e transitório ainda se compreende a existência do repetidor : quando o aluno teve uma doença demorada e esteve afastado forçadamente da escola que deseja frequentar, recorrendo então a quem o possa esclarecer sobre as matérias versadas na sua ausência ; e, assim como pode haver um impedimento do aluno, também pode admitir-se o impedimento do professor, ou por doença, ou mesmo por incapacidade profissional (não queremos ser cegos até o ponto de dizer que tudo é bom dum lado e tudo é mau do outro !).

Mas, repito, tudo isto são excepções, e a excepção tem que existir sempre ; mas não se converta esta em regra ; não se inverta a posição daquilo que a lógica coloca numa determinada posição que nós, mesmo contra essa mesma lógica, pretendemos trocar, só porque é moda, somos fracos e pretendemos comodamente deixar correr.

Portanto, e para já, enunciemos de novo o nosso tema :

— Queremos «homens bons» na actividade de amanhã, e para isso devemos querer homens com um gosto apurado, nas manifestações artísticas, homens com uma noção exacta da dignidade e da honra humanas, homens com gosto e amor ao trabalho, homens, finalmente, com confiança na sua capacidade realizadora e, portanto, com a força bastante para dominar o ambiente que os cerca.

Não resistimos à tentação de transladar estas palavras de Noüy, um médico que quis e conseguiu definir dum modo sublime a «bondade» :

«O homem ganha nobreza pelo esforço que faz para sair vitorioso duma dupla luta, cujo prémio é a dignidade humana e a espiritualidade : de um lado, o esforço individual luta e deseja libertar-se da escravidão endocrínica herdada dos nossos antepassados animais ; de outro lado, a inteligência abstractiva, a mais alta forma da actividade intelectual, luta contra os sentimentos, cuja origem pode também encontrar-se no nosso dpatrimónio ancestral.

Só a inteligência pura permitirá ao homem o conceber uma ideia de Deus que não seja antropomórfica, capaz de dar às ideias morais, bases absolutas, compatíveis com os conhecimentos científicos de então.

Mas aqui, uma vez mais, devemos desconfiar dos extremos sem perder de vista o facto de a harmonia exigir certa proporção de sentimentos na inteligência. Assim como um som absolutamente puro não pode sustentar-se por muito tempo, assim também a inteligência será intolerável, se não for adoçada pelas qualidades do coração. Uma inteligência sem bondade é monstruosidade que poderá tornar-se perigosa. A vontade de saber, que representa um ideal humano, prosseguido desde há milénios, é mais fecunda que a inteligência pura, por ser o resultado de uma combinação harmoniosa das qualidades intellectuais, das qualidades morais e das qualidades do coração do homem. Entre a vontade de saber e a inteligência, existe a mesma diferença que entre o orvalho benéfico e o jacto de água brutal de uma agulheta de incêndio, que revolve a terra e põe as raízes a descoberto.

Um ser perfeitamente bom é superior a um ser inteligente, porque é mais profundamente humano, e porque possui compreensão mais real das fraquezas e dos recursos humanos. E' espontaneamente moral, porque todas as regras morais são condensadas nesta frase tão simples e rica : Amai-vos uns aos outros.

Um dia virá em que nós seremos capazes de amar; em que a bondade, a vontade de saber e a inteligência reinarão entre os homens, que enfim terão aprendido a venerar essa dignidade humana, que deve ser sua finalidade e obra. Admirar-se-ão então, se documentos chegarem ao seu conhecimento, de que os seus antepassados tenham vivido tanto tempo lado a lado com a verdade, sem a terem visto».

Nós, os homens de hoje, mais ou menos atrasados ainda neste conceito evolucionista, seremos seres puramente terrestres : qualquer pequena elevação de terrenos nos impede a visibilidade, limitando-nos o horizonte; enquanto que os vindouros serão como os aviadores : horizontes mais largos, reduzindo a esbatimentos e projecções sobre o plano horizontal mesmo as maiores elevações.

Portanto, uma Escola, um professor, tem a pretensão de formar «homens bons»; mas Minhas Senhoras e Meus Senhores :

Quando se fala na palavra «homem», ao nosso espírito acode logo a ideia de o definir, e dizemos : é um ser vivo.

E a verdade é que, à força de tanta vez dizermos e ouvirmos dizer essa frase, acabamos por lhe não ligar importância de maior. Mas pensemos :

Ser vivo, porquê? Porque tem vida. E que vem a ser «vida»? Não se sabe, não se pode dar uma resposta concreta! Para tentar definir-se, poderíamos seguir qualquer uma das chamadas ciências positivas, qualquer ramo da matemática, da física ou da química, e não conseguiríamos o nosso objectivo, porque, no fim de muito se ter estudado e pensado,

acabaríamos sempre por dizer: mas, afinal, ainda não sabemos o que é a vida.

Um ser vivo tem uma parte material, definível com o auxílio daquelas ciências: é um corpo.

Mas tem mais alguma coisa.

Para melhor nos entendermos, concretizemos: se pensarmos numa casa comercial, olhamos para o mostruário e vemos uma caixa muito bonita, com uns tantos parafusos na parte frontal. De que se trata?

De um aparelho de telefonia.

Ligamo-lo à corrente eléctrica, ouvimos e ficamos maravilhados! Pensamos e dizemos: esta caixa, este aparelho tem uma parte palpável, com cor, forma e volume, e qualquer de nós é capaz de ver, montar ou desmontar todas as suas peças. Mas não é tudo: essas peças são capazes de se comportar de determinado modo, quando atravessadas por um fluido que não sabemos definir, ouvimos música ou discursos e, no fim, pensamos: que inteligência tão grande é a dos homens! Até foram capazes de fazer esta maravilha que nos encanta os sentidos!

Pois o homem tem também o seu suporte material: o corpo. E qualquer técnico, qualquer médico é capaz de modificar até certo ponto as suas peças, montando-as ou desmontando-as. Mas isso não basta e, para se ser um ser vivo, é preciso que essas várias peças sejam atravessadas por um fluido desconhecido em si mesmo, e desconhecido na sua origem, a que damos o nome de vida.

Se quisermos, portanto, estudar o homem, temos que abrir dois capítulos no nosso trabalho: o corpo e o espírito.

E (é Carrel quem o diz) todo o problema que considera um dos aspectos do homem, considera, outrossim, o conjunto do homem. Daí a impossibilidade de confiar a especialistas ou a professores a direcção completa duma actividade humana, quer ela seja de educação, de medicina, de arquitectura, ou de economia política. Importa que cada problema seja estudado por homens capazes de o considerar nas suas relações com os outros problemas da vida. Esses homens devem apelar, e muito facilmente o poderão fazer, para os dados adquiridos pelos especialistas e pelos professores.

Quer dizer: cada problema humano deve ser considerado nas suas relações com todos os outros problemas humanos.

E eis o liceu que pretende formar o homem, ou seja para o preparar directamente para a vida, ou para o preparar para novos voos de espírito, novos trabalhos intelectuais; e para essa preparação, têm que encarar-se os dois aspectos citados.

Não se nos diga, portanto, que a ginástica ou o canto coral não servem para nada; têm o seu lugar nitidamente marcado, e uma finalidade perfeitamente visível.

Mas falar-vos do corpo seria fastidioso.

Todos estamos fartos de saber que ele é constituído por unidades

distintas e dotados de propriedades totalmente diferentes: as células. Há a plebe trivial, as fibroblastas, as químicas independentes do fígado, as químicas que obedecem às ordens dimanadas do sistema nervoso e fabricam instantaneamente a acetilcolina, que contrai os músculos, e a adrenalina que os distende, as células nobres (as piramidais do cérebro), que orgulhosamente se mantêm na sua infecundidade, as que transmitem ordens e reacções, as que singelamente defendem, protegem e separam, etc.

Mas, deixemos isso.

Já nós propusemos o tema: ocupar-nos da bondade. Deixemos, portanto, o corpo e vejamos a parte espiritual da vida.

Há pouco, não foi sem intenção que Vos citei a ideia de António Ferro e, a propósito dela, fiz uma referência à actividade e ao gosto musical do homem.

A música, em si mesma, interessa-nos pouco agora — nem eu sei nada dela! Mas interessa-nos como actividade biológica. Porquê? Vejamos.

Nunca como hoje se comprovou tão bem a possibilidade de harmonizar a ciência com a religião. São duas forças, que caminham paralelamente, com um muro separando-as nitidamente de permeio, nunca se atropelam nem incompatibilizam, e elas são as forças mais poderosas para arrastar os homens.

E assim, o evolucionismo científico, demonstrado por factos positivos e, portanto, indiscutíveis, procurou ficar explicado no campo meramente científico. Não o conseguiu e foi então que veio em seu auxilio o poder espiritual, a própria inteligência do homem, afinal, com a sua doutrina «telefinalista».

E foi assim, porque, embora a inteligência seja factor notável em si mesmo, não pode bastar-se a si própria: «o desenvolvimento só no sentido intelectual impede o desenvolvimento da parte do espírito que não é «intelectual».

«A preocupação dominante da educação deve ser formar as actividades não intellectuais do espírito, reconhecendo o carácter indispensável destas últimas».

*

E de tal modo é a insuficiência da ciência humana, que a sua própria História é a melhor demonstração da respectiva incapacidade. Durante muitos anos — vários séculos —, os espíritos mais notáveis no campo científico tomaram os textos sagrados como livros a que quizeram atribuir valor científico. E então tomaram-se à letra certas frases que se vulgarizaram e notabilizaram.

«Deus criou o céu e a terra» (Génesis, I, 1).

A paixão pelo rigor da linguagem, que domina em regra a actividade científica, conduziu à interpretação de que todas as espécies teriam

saído directamente das mãos do Criador. E assim se instalou e cresceu o Criacionismo.

Foi um escândalo ter aparecido um dia Alguém com responsabilidades a afirmar que o aparecimento das várias espécies se não teria dado dessa forma, isto é, que não eram obra directa de Deus, mas que vinham umas das outras.

Essa atitude escandalizou os homens, porque eles entusiasmaram-se, perderam a serenidade que nunca deveria abandonar os cientistas, e interpretaram o advento do que surgia como sendo uma blasfémia e uma heresia. O evolucionismo não era novo, existia já desde muitos anos — alguns séculos —, mas nunca tinha tomado a desenvoltura de que se revestiu no século XVIII. Mas a verdade é que não podia deixar de assumir foros de escândalo aquilo que estava em contradição com a orientação seguida pelo «grande», pelo «prestigioso» Lineu.

Os novos pontos de vista tinham que possuir em si uma força assombrosa para derrubar o que fora exposto por um génio enormíssimo como o de Cuvier.

Mas, analisando bem, não havia razão para tanto escândalo: já muito antes disso, S. Tomás afirmara a existência de transformismo ou até de geração espontânea entre as plantas, e Santo Agostinho adoptou como boa a evolução dos vegetais, dos animais aquáticos e de determinadas espécies terrestres.

Portanto, o facto de Deus dizer — «Povoem-se as águas com uma quantidade de seres animados, e voem por sobre a terra as aves» —, em nada contraria a evolução ou um transformismo condicionado.

Sim, Senhores.

O facto de as espécies derivarem uma das outras não invalida as palavras contidas no «Génesis»; pelo contrário, estas reforçam e dão vigor à ciência, pois que, se não fossem elas, o homem encontraria as mesmas incógnitas sem solução, e não teria o arrimo de conceber um poder superior que o não contradiz, mas o tem ajudado a compreender e explicar o que à primeira vista parece obscuro.

Na verdade, quer o homem tenha aparecido na terra directamente como homem, quer tenha resultado duma transformação sucessiva e gradual doutras espécies inferiores, poderemos sempre concordar em que «Deus criou o homem à sua imagem e semelhança». Isto é, o fim surgiu sempre e é meramente secundário e acidental que esse fim se tenha alcançado por esta ou por aquela via.

O homem e a própria natureza detestam a simplicidade e, embora a nossa inteligência a desejasse, a verdade é que ela não existe, nem na nossa constituição orgânica nem na nossa actividade mental.

A inteligência quer simplificar e dirigir a nossa conduta, mas ela não compreende a vida, precisamente porque a complexidade do problema é tal, que lhe escapa.

Portanto, todos os problemas são ricos nos seus aspectos e nenhum

tem solução única; eis talvez a razão da falência da ciência pura, que não pode, afinal, dispensar a especulação.

Se é tão maravilhosa a fisiologia da matéria viva, que não se conseguiu nunca, nem a sua produção artificial, nem sequer a sua explicação capaz no campo positivista da ciência laboratorial, e se o campo especulativo nos pode conduzir à concepção dum poder superior a nós, duma força muito mais poderosa do que seríamos capazes de imaginar, poder e força esses que não podemos explicar, mas que nos pode dar a nós uma razão de si mesmo nos factores que nos rodeiam; isto é, se temos dois caminhos perante nós, um que nada nos ensina nem esclarece, e outro que pode dar-nos satisfação, porque não devemos seguir por este último? Dizem que a admissão daquele poder superior a nós é anti-científico por contrário às práticas usuais do laboratório, isto é, por não impressionar directamente os nossos sentidos! Mas, se nós apenas conhecemos os «virus filtráveis» pelos seus efeitos patogénicos, que não por os apalpármos, nem vemos, nem ouvimos; se nós conhecemos os efeitos dos corpúsculos, electrões, neutrões e protões e os admitimos, apesar de serem individual e rigorosamente inconcebíveis; se em todos os ramos da ciência positiva pululam as teorias que, mais ou menos bem architectadas são sempre teorias, e nas quais, apesar disso, nós acreditamos cegamente e pelas quais nos batemos se tanto for necessário, como se da nossa própria salvação se tratasse; se nunca ninguém viu os genes, será uma atitude científica defender a genética e acrescentar todos os dias a lista das explicações que ela nos pode fornecer? Ninguém o contesta e todos hoje seguem e adoptam essa fascinante teoria.

Numa palavra: a ciência positiva da banca do químico pouco nos diz; recorremos a teorias, admitimos a existência de entidades invisíveis, cujas dimensões se avaliariam por microns de microns e... continuamos a ser «homens de ciência».

Só não consideram científica a atitude de admitir a existência da tal Entidade Superior a que podemos chamar Deus! Lamentável tal pensamento, e ocorre-me contar-vos o que ouvi relatar em tempos a um Amigo.

Um Pai acompanhava bem de perto a evolução do pensamento de seu filho e notou que este, ao rondar os dezasseis anos, se atirava para os campos do materialismo, do positivismo laboratorial. Conversou demorada e cautelosamente com o filho, argumentou serenamente às suas objecções, e não passava de obter da parte deste, respostas como esta:

— Só acredito no que vejo ou ouço; sou com S. Tomé.

— Mas então, como explicas as leis rigorosas do Universo?

— Propriedades da matéria, obra do acaso que, pela força das circunstâncias e dessas propriedades, se metodizou e ordenou.

Calou-se e, no momento próprio, semeou num canteiro do jardim umas flores, dispondo as sementes de tal modo, que, ao surgirem as plantas, elas desenhavam o nome do filho. Este, ao ver semelhante «fenó-

meno», mostrou-se encantado, e o Pai fingiu-se admiradíssimo. O filho declarou não acreditar que fosse o «caso» o autor daquilo. O Pai manteve-se algum tempo na negativa, até que, depois de conversa adequada, o filho foi obrigado a afirmar como verdadeira uma coisa que não via, isto é, que tinha sido alguém e não o acaso, o autor daquela disposição das flores que desenhavam o seu nome. E, se aqui não é conciliável com o nosso raciocínio a admissão do «caso» como orientador, porque havemos de dar a esse mesmo «caso» foros de senhoria na orientação de problemas muito mais difíceis e complexos do que o apresentado?

E assim, este rapaz, esclarecido oportuna e eficientemente, não mais deixou de admitir a existência dum Ente maior do que ele seria capaz de imaginar, de um Deus que é incompreensível precisamente por ser Deus, que nos escapa quando queremos concretizá-lo, justamente por ser ainda Deus, e de que só podemos aperceber-nos pelo uso da nossa inteligência, essa dádiva maravilhosa e inigualável que Ele concedeu ao homem, precisamente para que o pudesse reconhecer e venerar.

Que prodigiosa imaginação a de Lecomte du Noüy, quando, à maneira de La Fontaine, concede inteligência humana a um átomo de ferro, perdido numa barra do mesmo metal. O artista aqueceu-o duramente, bateu-o com inaudita violência, torceu-o sem piedade, e isto por algumas horas durante as quais o átomo teria sofrido imenso e, talvez imerecidamente, julgando os factos no nível antropomórfico. E tudo se passou sem que o pequeno átomo compreendesse a razão de ser tão duramente experimentado, até que o forjador, talvez por compaixão do seu sofrimento, lhe explicou:

«Não passavas de corpúsculo ínfimo, trivial, semelhante a biliões doutros perdidos nos jazigos do globo. Graças a mim, à minha vontade, passaste a fazer parte integrante duma obra de arte que perdurará e glorificará a tua substância e o meu talento. Sei que te fiz sofrer, mas dou-te uma razão de ser, afirmando a mim mesmo a minha razão de ser».

Mas, seja esta ou outra a fala do forjador, o átomo ficará sempre sem compreender o que à sua volta se passou.

Assim nós, simples átomos da obra grandiosa de Deus, continuaremos incapazes de perceber essa obra. Ela ser-nos-á sempre inacessível, mas isso não pode servir para negar a existência desse mesmo Deus e da sua «rosácea», da sua obra arquitectónica, plena de elegância, de harmonia, de complexidade fugidia à nossa inteligência que, como li algures, não passa do escalpelo capaz de dissecar um corpo vivo em partes mortas.

Sempre preocupados com a simplificação, pretendemos dividir a realidade nos seus aspectos, mas destruímos essa mesma realidade, quando a fragmentamos com fins analíticos.

Mas, havendo evolução e sendo a natureza como que inimiga do estatismo, qual a finalidade dessa evolução? Como se realiza ela? Como podem os nossos sentidos apercebê-la e explicá-la?

Se o desenvolvimento da vida se deu do mar para a terra, e das plantas para os animais, vejamos quais as condições ambientais necessárias à realização dessa citada evolução.

Supôs-se por muitos anos o seguinte: se houver dois seres da mesma espécie, um melhor dotado do que outro, o bem dotado domina o outro e é ele que prevalece e evolui ou evoluiu pela fixação do carácter considerado melhor.

Mas hoje ao mesmo facto pode aplicar-se outro raciocínio que nos inverte completamente o problema: ser bem dotado significa estar em equilíbrio com o meio exterior, e dominá-lo, portanto. Ora, se se atingiu esse equilíbrio, não se evolui, porque não é necessário. Sendo assim, o ser que evolui é o que nós chamamos o «mal dotado», aquele que, ou se adapta modificando-se, ou morre e desaparece.

Contrariamente, portanto, ao aforismo lamarckiano de que «a função faz o órgão e a falta de função atrofia o órgão»; contrariamente ainda à «struggle for life» ou à selecção sexual de Darwin, nós poderemos saber que a evolução se deu precisamente à custa das incompatibilidades entre os seres e ambiente, e deu-se assim, deste modo, por este processo, mas porque a natureza teve uma finalidade em vista.

Qual essa finalidade? O aparecimento dos mamíferos, ápice da biologia, espelho e maravilha da criação! E porque deveremos considerar os mamíferos superiores aos restantes animais?

Na verdade, pode titubear-se: porque havemos de dizer que o aparelho digestivo, o respiratório, etc de um gato é superior aos correspondentes de uma abelha? Interessam-nos pouco os detalhes e poderemos dizer em conjunto que um mamífero tem tudo que têm os animais dos restantes grupos, mas vai mais longe e apresenta-nos ainda qualquer coisa que já sobe acima do corpo, acima das células, dos tecidos e dos órgãos, qualquer coisa que já quer ser «espírito», mais do que «matéria».

Já vistes um gato de poucos dias a «brincar» com uma bola de papel? Mas nunca vistes um peixe «brincar» com um grão de areia ou com um búzio do seu aquário. «Brincar»!!!

Pois é verdade, são os mamíferos os únicos animais que «brincam»! Neles há, portanto, a prática habitual dos actos necessários à conservação e reprodução da espécie; mas, além desses actos, há também os «actos inúteis», como lhe chamam alguns autores, isto é, os actos que são dispensáveis, que já não são de primeira necessidade, mas que fazem a vida mais bela e risonha.

Neles há, diga-se como deve ser, o material e o espiritual; mas,

como o material também já existiu nos outros animais, impõe-se logicamente que os mamíferos são superiores por causa do espiritual.

Ora, este «espiritual» vai subindo gradualmente, dos monotrematos para os primatas, atinge-se os antropóides, e aí temos nós o homem, corporalmente igual ou até mesmo inferior a outros animais, mas espiritualmente superior e, por isso mesmo, no vértice da escala.

Eis a finalidade máxima da natureza: o «homem», mas considerado no seu aspecto imponderável, impalpável e fisicamente incomensurável!

Mas a evolução continua, e nós sabemos que há homens e homens; são todos iguais perante a zoologia, mas são diferentes perante a força renovadora da evolução.

Uns, rodeados de alimento abundante, equilibram-se com o meio exterior, estabilizam-se, não evoluem: são os selvagens, as raças que, embora fisicamente bem dotadas, são inferiores, primitivas.

Outros, em desequilíbrio com o ambiente, têm que valer-se mais do espiritual do que do material, para não perecerem: são os civilizados, os que afinal orientam e dominam, não pela força bruta, mas pela inteligência e pela firmeza da vontade.

António Sardinha, ao falar da primeira Grande Guerra mundial, referiu-se-lhe como sendo a luta entre o cangirão da cerveja e o sorriso da Gioconda.

O sorriso venceu a violência, o espírito venceu a força material. Mas o homem, mesmo o civilizado, não é ainda aquilo que a natureza quer que seja; não se concluiu ainda a evolução.

Com efeito, o homem, consciente e responsável perante a criação, pode usar os dons que possui para percorrer o caminho bom ou o caminho mau.

Será caminho bom aquele que leva para a evolução num sentido tal, que a tendência para o espiritual se vá afinando cada vez mais e domine cada vez melhor o material.

E, para alcançar este fim, só há que perfilhar e tomar como rumo aquele que nos é imposto pela moral cristã. Assim como a lógica dá o rumo ao raciocínio, a moral será a rosa dos ventos do espírito.

Estarão, portanto, no caminho da evolução biológica os povos ou as civilizações norteadas pela moral cristã; estão fora desse caminho, e certamente virão a perecer os povos ou as civilizações descarriladas e à margem dessa mesma moral.

Portanto, a natureza, ao apresentar-nos o homem, pôs-nos como diante da cúpula terminal da sua obra, elevada e nobre; mas ela quer mais e deseja que, na qualidade, esse homem seja um modelo acabado de espiritualidade, porque só assim a vida será nobre e bela.

E para nós o compreendermos ainda melhor, enviou-nos concretamente um modelo do que se pretende, do alvo a atingir: esse modelo foi Cristo, e poderemos, pois, afirmar que o homem terá evoluído tanto

mais, ele será tanto mais perfeito, quanto mais se aproximar de Cristo.

Será um «homem bom» — reatando as nossas palavras de há pouco — aquele que evoluiu no sentido apontado.

Será uma Escola digna de apreço aquela que pretender encaminhar os seus alunos no mesmo sentido.

Terá cumprido bem o seu dever o professor que tenha em vista orientar os seus alunos segundo as normas naturais duma pedagogia natural, isto é, duma pedagogia evolucionista, científica e moralmente evolucionista.

Uma Escola só verdadeiramente o será quando puder ser educadora, mas segundo o conceito de Carrel, francês por nascimento, que se vê obrigado, ao apreciar os outros franceses, a fazê-lo com este pungente lamento :

«E' erro profundo o de limitar a educação ao sector intelectual.

A decadência dos franceses deve-se em larga parte, à sua falta de educação, como quem diz, à falta de autodomínio, ao nervosismo, à verbosidade, à descortesia, à superficialidade, à agitação, à inconsideração pelos sentimentos dos outros, à calúnia. E, por isso mesmo, não podem elles viver em sociedade sem se odiarem. A incapacidade de se conterem arrasta-os para palavras e actos violentos, que não mais esquecem».

bibRIA

Disse qual o modelo de «homem» que julgo ideal, e justifiquei assim o título desta singela parlanga, porque a Escola não é mais do que a orientadora dos futuros homens, não sendo louca, portanto, a pretensão de traçar um caminho seguro para a modelação da alma dos nossos alunos.

Só tendo presente o ponto, o alvo a atingir, poderemos caminhar seguros no nosso telefinalismo.

A biologia conduz-nos a todos os raciocínios expostos, por vias rigorosamente científicas; pena foi que eu não pudesse satisfazer-vos melhor. Mas não tenho ilusões a meu próprio respeito e apenas desejei despertar a Vossa curiosidade.

Lede agora um Biot; um Sertillange, um Carrel ou um Lecomte de Noüy e vereis como se concorda logicamente com Mons. Moreux, quando nos explica e demonstra matematicamente a existência da alma como sendo uma «quarta dimensão» que tudo nos ensina e esclarece.

Tenhamos sempre presente que o homem, mesmo quando novo, tem corpo e tem alma, e que será sempre incompleta a acção que apenas trata uma das coisas.

Duma e doutra destas coisas trata-se nos ginásios do corpo e nos ginásios da alma, quando a saúde for boa; duma e da outra trata-se nos hospitais do corpo e dos hospitais da alma, quando houver doença

Saber escolher a Instituição apropriada é o dever do bom Pai, o da boa Escola, o do bom Professor. E confie-se sempre, desde que qualquer deles pretenda concorrer para a consecução do «Homem bom».

*

E a terminar, digamos com Renan :

«...Entre os dois objectivos da política — grandeza das nações, bem-estar dos indivíduos — escolhemos por interesse ou por paixão. Nada nos indica qual seja a vontade da Natureza ou a finalidade do Universo. Para nós, idealistas, uma só doutrina é verdadeira : a doutrina transcendente, segundo a qual o fim da humanidade é a constituição duma superior consciência ou, como se dizia outrora, «a maior glória de Deus».

BIBLIOGRAFIA

- Ataíde (Tristão de) — *Freud*
 Biot (René) — *Educação do Amor*
 Boléo (J. Paiva) — *A Saúde Escolar*, vol. II-1937
 Carrel (Alexis) — *Milagres de Lourdes*
 Carrel (Alexis) — *O Homem, Esse Desconhecido*
 Charmot (François) — *O Amor Humano*
 Foerster (W.) — *Moral Sexuelle et Pedagogie Sexuelle*
 James (William) — *Precis de Psychologie*
 Lavelle (Louis) — *La Conscience de Soi*
 Leão XIII — *Enciclicas*
 Ludwig (Emílio) — *Os Alemães*
 Mauriac (François) — *Le Mal*
 Millan (Mac) — *Biological Time*
 Neves (Cruz) — *Da Higiene Moral do Instinto Genésico*
 Noüy (Lecomte du) — *O Futuro do Espírito*
 Noüy (Lecomte du) — *O Homem Perante a Ciência*
 Noüy (Lecomte du) — *Dignidade Humana*
 Pio XI — *Enciclicas*
 Renan (Ernesto) — *Vida de Jesus*
 Robertson (J. M.) — *Christianity and Mythology*
 Silva (Serras e) — *O Catolicismo e a Higiene*
 Valery (Paulo) — *Suite*

II

O Carácter Misto dos Autos Camonianos, pelo prof. auxiliar do 1.º grupo Dr. Alfredo dos Santos. (1)

Ex.^{mo} Governador Civil do Distrito, Rev.^{mo} Arcebispo-Bispo de Aveiro, Ex.^{mas} Autoridades, Ex.^{mo} Senhor Reitor, Ex.^{mes} Professores, Caros Alunos, Minhas Senhoras e meus Senhores :

Confiou-me V. Ex.^a, Senhor Reitor, o pesado encargo de falar nesta festa de Camões. Tarefa árdua para um principiante, como eu, a quem falta a experiência e educação literária necessária, para enfrentar o colosso do Génio, que foi o cantor das nossas glórias nacionais.

Não fosse o desejo de obedecer a V. Ex.^a, eu teria desistido, por ser incapaz de dar a esta sessão o brilhantismo que merece.

Minhas Senhoras e Meus Senhores :

Raras vezes se poderá dar tão rigorosa uma data à criação dum género literário, como nesta altura, ao aparecimento do teatro nacional.

Gil Vicente representara, na noite de 7 de Junho de 1502, nos paços da Alcáçova, em Lisboa, na câmara da rainha D. Maria, doente de parto do nascimento do futuro rei D. João III, o «Monólogo do Vaqueiro». E com esta representação, lançou ele os alicerces do teatro nacional.

Sabe-se que a lustrosa assistência riu muito, ao ver Gil Vicente, vestido de pastor, falando uma linguagem rústica que sabia a dum dialecto espanhol dos arredores de Leão.

Percebeu Mestre Gil que deliciava a Corte com a apresentação de tipos simples e rudes, e nunca mais deixou de animar nos seus autos o colorido desfile daquela gente primitiva e labrusca. Quando se desprendeu da influência de Encina e Lucas Fernandez, foi a Beira, com os seus pastores, o cenário dos seus autos pastoris, por tudo ali ser mais vilanesco em matéria de costumes, sentimentos e linguagem.

Na apreciação destes recursos cómicos do Mestre, as gargalhadas dos Soberanos foram-se multiplicando, principalmente quando serranos

(1) — Conferência pronunciada no sarau camonianos de 12 de Junho de 1950, no Teatro Aveirense.

e serranas apareciam a cantar e a dançar ao som de pandeiros e tambores. Era o folclore nacional; era o alegre Portugal das feiras e romarias de Quinhentos, que as Cortes requintadas de D. Manuel e D. João III estavam presenciando.

E' evidente que o interesse literário por aquilo que é simples e rústico, como recurso cómico, não significa que Gil Vicente tenha em pequena conta a gente humilde, porque lá está o Lavrador da «Barca do Purgatório» a ensinar-nos que a rusticidade não afasta do mistério da Redenção.

Se este pastoralismo do teatro vicentino é de sabor bem lusitano, não menos do nosso torrão são os seus aspectos de sátira realista aos vícios e desmandos dos homens e das classes sociais daquele tempo.

Não temos que atenuar os factos. Infelizmente, temos de confessar que muito fora das leis morais andava aquela nossa gente!

Fácil seria documentar, nos autos vicentinos, a falsidade da vida palaciana, os flagelos da ambição e da cobiça, o poder do dinheiro, a falsa ciência, a hipocrisia das esposas e a pouca fidelidade dos maridos, as mães interesseiras e as filhas levianas, em suma, o pouco escrúpulo no cumprimento do dever.

Tanto nestes, como nos autos de aspecto religioso e patriótico, é sempre a alma do povoou da Nação que está presente. Por isso, Gil Vicente é tão celebrado.

Não podia ele abster-se de colaborar no coro de louros a Portugal, ele que ouvia e sentia os toques de clarim da fama portuguesa, dentro e fora das fronteiras.

Ao lado deste teatro nacional, de indole tradicionalista, popular, realista e humano, documenta-se no panorama dramático quinhentista outra espécie de teatro: O TEATRO CLÁSSICO, de formas aristocráticas, mais literário e mais artificial. Diríamos: mais teatro para «elites» do que para o povo.

Com o Humanismo, o gosto do público orienta-se, segundo o quadrante da Itália, e, em vez dos autos de assunto nacional de Gil Vicente, as próprias escolas dão o exemplo, e levam à cena comédias de Plauto e de Terêncio. Modifica-se a cultura e o gosto das classes privilegiadas, e o auto degrada-se e quase desaparece.

No teatro clássico consideram-se dois capítulos:

- a) A tragédia
- b) A comédia

No capítulo da tragédia fomos felizes, e só a «Castro» de António Ferreira enche o panorama da literatura dramática do século.

E' evidente que uma obra como a «Castro» não nasce dum jacto; fizeram-se primeiro traduções e imitações de obras clássicas até chegar à originalidade daquela tragédia.

No Colégio das Artes e na Universidade de Coimbra representa-

vam-se, ao tempo, tragédias humanistas. Os próprios professores eram autores de tragédias, que os alunos representavam como exercício pedagógico. E A. Ferreira foi aluno do Colégio e da Universidade, podendo ali receber sugestões, mas que não explicam ainda suficientemente a tragédia.

Não devemos desprezar a viva tradição, principalmente na gente de Coimbra, dos infelizes amores de D. Pedro e D. Inês, de tal maneira, que ainda hoje à volta de Coimbra se cantam romances acerca deste caso infeliz. E lá está a fantasia popular a ver nas pedras da fonte da Quinta da Lágrimas gotas de sangue de Inês!...

Mas, apesar das fontes clássicas e nacionais, a «Castro» revela uma personalidade artística bem vincada. Além do seu assunto, dá-nos a novidade de tratar a paixão amorosa com consequências trágicas. O processo é novo entre nós. E surpreende-nos que, em França, só no século XVII, com Corneille e Racine, se explore o mesmo processo dramático.

Pena foi que Ferreira não tivesse continuadores do mesmo gosto.

A sua tragédia é um monumento, mas é solitário.

Na comédia clássica avultam os nomes de Jorge Ferreira de Vasconcelos, de António Ferreira e de Sá de Miranda.

As comédias de Jorge Ferreira de forma alguma se poderão considerar representáveis. Servirão ao estudioso para apreciar o lusitanismo da sua linguagem e estilo, ou para fazer a história de alguns tipos dramáticos da nossa Literatura, como o tipo de idealista, que faz do amor um culto e da mulher uma deusa; e o tipo de libertino, que, pelo seu cinismo amoroso, poderá ser considerado o primeiro D. Juan.

Sá de Miranda é autor de duas comédias «Estrangeiros» e «Vilhalpandos», cuja acção e personagens, costumes, nomes, caracteres, local de cena, etc, nada é português.

Considerado o «sacerdos magnus» das temáticas clássicas, Sá de Miranda quis, como Jodelle em França, adaptar à cena portuguesa o teatro clássico. Quem sabe se a sua inimidade com Gil Vicente não terá origem na diferença de gosto estético! Portanto, uma inimidade por motivos literários.

*

A rematar estas ideias dramáticas, surge Camões, que intenta a aliança das duas correntes — a corrente dramática nacional e a corrente clássica. Une assim dois mundos que se consideram incompatíveis: o da tradição nacional, à frente com G. Vicente, e da Renascença, tendo por chefe Sá de Miranda. São estes os dois marcos por onde temos de alinhar, para podermos avaliar da nossa Literatura dramática.

Lendo alguns passos d'*Os Lusíadas*, ficamos com a impressão de que o nosso Épico estaria destinado, se quisesse, a superar a tragédia

de Ferreira. Mas tal não acontece. E nas três peças que escreve para o teatro pendem antes para o cómico vicentino, não para um cómico de tipos, como o Mestre, mas para um cómico de acção.

A Antiguidade Clássica fornece-lhe a matéria para os seus autos. Contudo, não sacrifica a beleza do teatro nacional apenas ao artificialismo da Renascença, como Sá de Miranda ou A. Ferreira.

Assim, os seus «Anfitriões» não serão exclusivamente uma peça de imitação da comédia plautina «Amphitruo», porque, embora dramatizando a mesma lenda clássica dos amores de Júpiter e Alcmena, sabe adaptá-la ao espírito nacional e à simpatia popular.

As figuras da peça têm carácter português; são mais humanizadas do que as de Plauto. E assim, em vez da Alcmena rígida de Plauto, aparece em Camões uma Alcmena diferente, a ter saudades do marido que anda na guerra e a procurar saber notícias dele; em vez do Júpiter odioso e de baixo carácter, que tudo pode, tudo sabe e tudo faz, o Júpiter de Camões precisa do auxílio e dos conselhos dos outros e, quando reconhece as suas faltas, sabe arrepender-se e até chorar!

Algumas cenas, como a do parto de Alcmena, a que os Romanos achariam muita graça, mas que a Portugueses pouco interessariam, Camões desembaraça-se delas, e apenas anuncia o que em Plauto tem uma tecidura e um desenlace.

Também a arte cômica da peça camoniana me parece superior à de Plauto. A entrada em cena dos criados Feliseta, Sósea e Brómia, a dizerem mal dos patrões, é mais caricata e provoca mais o ridículo, e são até superiores aos da comédia do mesmo nome de Molière.

Sósea aparece a cantar, gaba-se das suas proezas de guerra, mas, à cautela, fica em casa enquanto se combate e, só depois da vitória, vai acutilhar o rei morto! Esta situação cômica está bem mais perto de Gil Vicente do que de Plauto.

Por isso, não admiramos que o professor Guilherme Storck defina os «Anfitriões» de Camões, como sendo «a nacionalização magistral do clássico modelo de Plauto»; e que outro professor alemão acrescente: «De todas as imitações da comédia de Plauto, é a de Camões a única que tem o direito de colocar-se ao lado da de Molière».

*

No auto de «Filodemo», Camões pendem para o bucolismo e para o romanesco, aspectos literários pouco compatíveis com o teatro. Só por muito boa vontade, o Auto se poderá considerar uma forma de teatro.

Chame-se, por ventura, um romance de aventuras, onde não faltam os nascimentos misteriosos, o maravilhoso das crianças perdidas, os raptos e os salvamentos, o desaparecimento dum caçador no ímpeto da corrida e a prática de artes mágicas dum pastor, que faz descer as estre-

las do céu à terra com ervas do mato e outras coisas. Para o género ser completo, faltam os leões e os dragões, e a sua acção poderia bem localizar-se, então, em qualquer região misteriosa...

Mas o valor literário de «Filodemo» é considerável. Está, por exemplo, na verdade e naturalidade de certos diálogos, como no de Dionisa e Solina, quando numa sala, enterteando-se a bordar, fazem as confidências dos seus amores. Sabe-se que uma delas, apaixonada por Duriano, lhe manda recadinhos por um amigo dele, lhe faz as jurinhas de ir para freira, processos vulgares que os namorados empregam para levarem a água ao seu moinho...

Sabido que qualquer artista aproveita da sua experiência pessoal e afectiva, o auto de «Filodemo» faz-nos pensar em episódios vividos do seu autor, quer na audácia amorosa de Filodemo, quer nas suas pretensões ao enamoramento de Dionisa.

Ainda que Camões seja aqui um fingidor de sentimentos e não reproduza a realidade vivida, o auto de «Filodemo» vale pela sua originalidade, não tendo modelo nem sugestões, como os «Anfitriões» e o «El-Rei Seleuco».

O auto de «El-Rei Seleuco» vão no V. Ex.^{as} apreciar no palco, mercê do esforço do nosso Reitor.

O tema é a dramatização dum lenda conhecida dos Clássicos, contada por Plutarco e Valério Máximo, em que se diz que El-Rei Seleuco, Rei da Síria, cedeu sua esposa Estratonica ao seu filho Antíoco, por quem este estava apaixonado.

Talvez um tema como este não seja muito próprio para teatro, e tratado na poesia lírica surtisse mais efeito. No entanto, a sua representação já constituiu o gáudio de alguns salões.

Não faltou quem visse no Auto alusões a intrigas da Corte, talvez uma sátira aos amores de D. João III, quando príncipe, pela Rainha D. Leonor, que depois veio a ser sua madrastra.

A peça começa por um prólogo, à maneira de comédia clássica, que nos elucida sobre o que eram as representações daquele tempo, diga-se, não muito diferentes de certas de hoje.

Vemos a multidão à porta a querer entrar à força, empurrando uns, esfarrapando e até magoando outros; os convidados a entrarem por portas traseiras; o dono da casa, ocupado em fazer os preparativos da festa e a dispor os espectadores; e ainda uma das figuras atrapalhadíssima por não saber bem o papel e a queixar-se de ter poucos ensaios.

Além deste valor formal e extrínseco, o prólogo tem já certo interesse cómico, principalmente revelado nas respostas equívocas e desnor-teantes do moço Lançarote ao dono da casa. A intenção cómica das duas

figuras presente-se mesmo na expressão literária, cujas imagens e comparações definem claramente o seu carácter bobo e chocarreiro.

Própriamente no Auto é manifesta a influência clássica e nacional.

O tema pertence ao Classicismo, como foi dito, mas o episódio central da «doença de amores» é bem nacional. Temos o testemunho dos nossos poetas trovadores, cujos Cantares de Amigo e de Amor tanto falam do ensandecer e do morrer de amores!

Gil Vicente deixou-a expressa na «Farsa dos Físicos» e n'«O Velho da Horta». E toda a obra de Bernardim Ribeiro marca essa tendência triste e fatalista do nosso temperamento sentimental, onde não interessa o ambiente social nem os casos da vida cotidiana, mas sim a análise de paixões amorosas. E a querer documentar mais fielmente «a doença», bastariam os textos do Romantismo e da nossa poesia popular. O Romance e o Teatro de hoje aproveitam-na ainda para os seus enredos.

Quer dizer: com elementos clássicos e nacionais, consegue Camões uma obra, em cujo enredo passam figuras que procedem fora do nosso ambiente moral e sentimental.

Mas não esqueçamos que o objectivo de Camões é não tomar essas figuras a sério, mas torná-las cómicas e burlescas.

Sacrifica a verosimilhança em benefício da arte do Auto, porque o que é natural e espontâneo não produz cómico, produz graça, que é o contrário do cómico.

Diz Lanson que a verdade é mais compatível com a tragédia do que com a comédia, para acrescentar que o grande Molière teve de se reprimir, para que a verdade da observação humana nas suas comédias não redundasse em tragédia.

Em obediência a estes princípios de arte, exagera Camões a velhice do Rei e fá-lo bonacheirão; estiliza o Príncipe e torna-o num autómato na maneira de exprimir a sua paixão pela madrasta, nem sequer reflectindo no seu anacronismo, e tudo se passa como se fosse uma paixão vulgar, sem escrúpulo nem remorso. E' esta inadaptação à realidade que faz de Camões um artista do cómico, como foi Gil Vicente.

De propósito, torna grotesco o diálogo amoroso entre o Porteiro de Cana e a Moça de Câmara, fazendo dele um fingido de amores e dela uma rapariga ladina, que sabe explorar e achincalhar o seu apaixonado.

O Físico, que se considera uma prepotência na sua profissão, é uma caricatura e de intenções cómicas, tanto no ardil da descoberta da doença do Príncipe, como até no emprego da linguagem castelhana.

As criadas, Frolalta e a Moça de Câmara, são práticas e psicólogas, sabendo fazer um comentário escarninho, às vezes lúcido e indulgente aos seus patrões.

Finalmente, a Rainha é uma apaixonada, vaidosa, que se deixa subjugar pelos preconceitos sociais.

Escreve José P. Tavares em 1928: «Não são, com certeza, impecáveis as produções que Ele nos legou no género dramático; são, porém,

importantes para se estudar a história do teatro português, e mostram-nos em muitos passos que até na literatura dramática o nosso maior poeta soube elevar-se acima da craveira comum».

Na verdade, Camões teria sido grande no teatro, se lhe concedesse fervorosa dedicação. O seu teatro é o teatro da Epoca, mais declamado que representado, mais cheio de lirismo do que de drama, mais vivendo do aparato formal do que do interior. Nisto consiste a sua beleza.

Felizmente, os programas liceais encerram já o estudo do teatro de Camões. Embora a Epopeia e o seu Lirismo bastassem ao professor para exaurir todos os comentários para formação da personalidade literária e estética dos seus alunos, não é despidendo considerar o seu teatro para o mesmo fim.

Também nele temos a certeza de que a cultura estrangeira não substitui o sentimento nacional. E, principalmente, quando, como Ele, se nasce Português e morre Português na Pátria e com a Pátria.

OBRAS CONSULTADAS

- «Enfarrões» — Vieira de Almeida
- «El-Rei Seleuco» — Vieira de Almeida
- «Teatro, Camões» — José P. Tavares
- «Os Autos de Camões» — Coleção Sá da Costa
- «Os Enfarrões» — Molière
- «Amphitruo» — Plauto.